



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de Marília

Guilherme Francisco de Souza Maguetas

O BRICS e sua relação com o Brasil:

Uma análise da trajetória e resultados (2014-2024)

Marília
2025

Guilherme Francisco de Souza Maguetas

O BRICS e sua relação com o Brasil:

Uma análise da trajetória e resultados (2014-2024)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Profº Drº Marcelo Fernandes de Oliveira

Marília
2025

M213b Maguetas, Guilherme Francisco de Souza

O BRICS e sua relação com o Brasil : uma análise da trajetória e resultados (2014-2024) / Guilherme Francisco de Souza Maguetas. - Marília, 2025
72 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Marcelo Fernandes de Oliveira

1. Brasil. 2. BRICS. 3. Investimentos. 4. Resultados. 5. Trajetória. I.
Título.

Guilherme Francisco de Souza Maguetas

O BRICS e sua relação com o Brasil:

Uma análise da trajetória e resultados (2014-2024)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Banca Examinadora

Profº Drº Marcelo Fernandes de Oliveira
UNESP – Câmpus de Marília
Orientador

Profª. Dra. Edna Aparecida da Silva
UNESP – Câmpus de Marília

Profº Drº Marcos Cordeiro Pires
UNESP – Câmpus de Marília

Marília, 09 de dezembro de 2024.

Nada pode te fazer parar de pensar, a criatividade é a nossa figura.
Faça das suas ideias seus sucessos e faça dos seus sonhos seus objetivos,
mesmo que você faça sozinho.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento vai para aqueles que ficam junto a nós todos os dias e são o que nos dão ânimo, direção e sentido para a vida; nosso corpo e nossa mente. Essas metades nossas são feitas para acompanhar e se não fosse por o que ou quem eles sejam, eu não estaria aqui... Aos meus pais, pelo apoio e suporte, sabemos que não é fácil se despedir das pessoas, mesmo que seja por um momento, mas a possibilidade que me foi dada em me despedir, ainda que de momento de casa para fazer minha graduação fez e fará parte da minha mudança de vida (meu amadurecimento, minha forma de compreender o mundo, e saber que a pessoas boas para encontrarmos nesses outros cantos de mundo. Mas no final, seja ele momentâneo ou derradeiro, sabemos a quem voltar e se reencontrar, e que mesmo a despedida ou o final se momentâneo seja, estaremos sempre de volta até a última vez. Tenho orgulho de vocês e quero agora formado retribuir ele ainda mais alcançando novos ares.

A todos os membros da minha família, que de uma forma ou outra estiveram presentes e são fundamentais para o nosso bem-estar e daqueles que nós mais gostamos também. Aos meus avôs e avós, ainda aos que se foram, ter orgulho de ser o neto da faculdade pública (aquela que era a difícil de passar, que ia ser a derrocada para o sucesso), eu consegui, terminei, mas o sucesso ainda é uma busca continua, e espero contar com todos vocês para vislumbrarem esse futuro comigo, e aos que não estão mais aqui, que eu ou todos nós que estamos carreguemos as memórias e os sonhos que eles tinham para nós

Aos meus professores, por todo o meu caminho de ensino e por auxiliarem e me darem as oportunidades que tive, sejam de aprender, de ensinar e de evoluir. Ainda que um possa atingir tudo que se espera, que ele representa o sucesso daqueles que foram parte da sua vida antes. Aos meus professores de UNESP, especialmente os mais queridos, obrigado por fazerem parte desse caminho e que mesmo não sabendo ainda onde irei chegar, ainda irei querer saber se vocês estarão aqui por aqueles que virão, e que no futuro possamos nos encontrar, agora não mais como docente e discente, mas sim como graduados bem-sucedidos.

Por fim meus amigos de Marília, em uma jornada tão longa quanto curta desses quase 3 anos de muita coisa, e ter esse convívio com vocês me apresentou muitas coisas da vida, poder conviver junto e fazer as atividades do dia-dia, sair nos momentos de diversão, se ajudar nas dificuldades, cada uma dessas partes fez com que ficássemos mais próximos. E ainda sim, para cada um que cultivei uma amizade diferente, fizeram parte da minha vida aqui e vão me marcar para sempre quando lembrar dos meus bons ou não tão bons momentos dessa segunda vida fora da gaiola...

“O Mutilateralismo pode ser complicado, mas é melhor do que ficar sozinho em casa” (tradução nossa)

Angela Merkel (55º Conferência de
Segurança de Munique, 2019)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar a trajetória brasileira junto ao bloco político-econômico denominado BRICS, considerando aspectos pré-criação do bloco, contexto de criação, estruturação e resultados ao Brasil de maneira a compreender qual foi o papel brasileira em cada uma dessas etapas da formação de um dos principais blocos econômicos da atualidade, e em seguida estabelecer uma data recorte entre os anos de 2014 a 2024 para apresentar os resultados que tem sido direcionados ao Brasil em sua manutenção junto aos BRICS. A abordagem desse estudo centraliza inicialmente em uma análise histórica e política do Brasil e sua correlação com o Bloco, e progride a uma análise mais técnica de resultados ao final, fazendo uso de gráficos e outros elementos auxiliares. A metodologia se dispõe como uma análise bibliográfica para a primeira parte do trabalho e uma análise quanti-quali para a segunda, onde toda a questão do retrospecto brasileiro junto aos BRICS até o ano de 2014 será parte da análise bibliográfica de um elemento já estabelecido, este que é a criação do bloco e de suas principais bases de articulação; enquanto a análise quanti-quali foca diretamente no recorte 2014-2024 com os resultados da relação do Bloco com o Brasil na data. A conclusão busca centralizar e destacar os pontos chaves apresentados em cada um dos capítulos e finalizar o rumo de análise do estudo, deixando claro que seus resultados poderão possuir aplicação em futuras análises em um retrospecto da relação Brasil-BRICS

Palavras-chave: Brasil; BRICS; Investimentos; Resultados; Trajetória.

ABSTRACT

This study aims to analyze Brazil's trajectory within the political-economic bloc known as the BRICS, considering aspects prior to the creation of the bloc, the context of its creation, its structuring, and the outcomes for Brazil in order to understand the country's role in each of these stages of the formation of one of the most important economic blocs today. It will then establish a time frame between 2014 and 2024 to present the results that have been directed toward Brazil in its continued engagement with the BRICS. The approach of this study initially focuses on a historical and political analysis of Brazil and its correlation with the bloc, and then progresses to a more technical analysis of results at the end, making use of graphs and other auxiliary elements. The methodology is divided into a bibliographic analysis for the first part of the study and a quantitative-qualitative analysis for the second part. The entire review of Brazil's history with the BRICS up to 2014 will be part of the bibliographic analysis of an already established element, specifically the creation of the bloc and its main bases of coordination. Meanwhile, the quantitative-qualitative analysis will focus directly on the 2014-2024 period, examining the outcomes of the relationship between the bloc and Brazil during that time. The conclusion aims to highlight and emphasize the key points presented in each chapter and to finalize the direction of the study's analysis, making it clear that the findings may have applicability in future analyses of the Brazil-BRICS relationship.

Keywords: Brazil; BRICS; Investments; Results; Trajectory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Organograma de Elaboração do Estudo	29
Figura 2 – Linha do tempo de paradigma da Política Externa Brasileira	31
Figura 3 – Ranking de Exportações Agrícolas Brasileiras em 2023 e 2024	52
Figura 4 – Comparativo da Oscilação da Exportação Agrícola Brasileira (2018-2023)	52
Figura 5 – Abertura de Mercados do Brasil entre 2023 e 2024	60
 Quadro 1 – Resumo das Cúpulas Anuais do BRICS (2015-2023)	 49
Quadro 2 – Principal Produto Exportado por País	61
Quadro 3 – Principal Produto Importado por País	62
 Gráfico 1 – Intercâmbio Comercial Brasil-África do Sul (1997-2008)	 33
Gráfico 2 – Exportações Brasileiras para a África do Sul (2005-2007)	33
Gráfico 3 – Importações Brasileiras da África do Sul (2005-2007)	33
Gráfico 4 – Intercâmbio Comercial Brasil-China (1997-2008)	35
Gráfico 5 – Exportações Brasileiras para a China (2005-2007)	35
Gráfico 6 – Importações Brasileiras da China (2005-2007)	35
Gráfico 7 – Intercâmbio Comercial Brasil-Índia (1997-2008)	36
Gráfico 8 – Comparativo Exportação e Importação do Brasil com a Índia (2003- 2006)	37
Gráfico 9 – Intercâmbio Comercial Brasil-Rússia (1997-2008)	38
Gráfico 10 – Exportações Brasileiras para a Rússia (2005-2007)	39
Gráfico 11 – Importações Brasileiras da Rússia (2005-2007)	39
Gráfico 12 – Comparativo exportação BRICS-G6 dos 10 maiores importadores (2000-2021)	56
Gráfico 13 – Comparação de exportação entre Rússia, Índia e África do Sul (2014-2023)	56
Gráfico 14 – Exportação do agronegócio para a China (2014-2023)	57
Gráfico 15 – Receita com turismo em US\$ Bilhões por país (2011-2023)	59
Gráfico 16 – Relação importação/exportação Brasil-Rússia (2014-2024)	63
Gráfico 17 – Relação PPEXPPI Brasil-Rússia (2014-2024)	63
Gráfico 18 – Relação importação/exportação Brasil-África do Sul (2014-2024)	64
Gráfico 19 – Relação PPEXPPI Brasil-África do Sul (2014-2024)	64
Gráfico 20 – Relação importação/exportação Brasil-Índia (2014-2024)	65
Gráfico 21 – Relação PPEXPPI Brasil-Índia (2014-2024)	65

Gráfico 22 – Relação importação/exportação Brasil-China (2014-2024)	66
Gráfico 23 – Relação PPEXPPI Brasil-China (2014-2024)	66
Gráfico 24 – Receita líquida de vendas das principais indústrias (2014-2022)	70
Gráfico 25 – Despesas das indústrias brasileiras (2014-2022)	70
Gráfico 26 – Projetos Brasileiros no NBD (2016-2024)	72
Gráfico 27 – Áreas de Atuação por Projeto Brasileiro no NBD (2016-2024)	72
Gráfico 28 – Comparativo do valor investido do NBD em projetos/ano (2016-2024)	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACR	Acordo de Contingente de Reservas
BAIES	BRICS Agriculture Information Exchange System
BAII	Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura
BRICS	Brasil-Rússia-Índia-China-África do Sul
BYD	Build Your Dreams
Cebrics	Conselho Empresarial dos BRICS
CNI	Confederação Nacional da Indústria
COVID-19	Coronavirus Disease 2019
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
CTG	China Three Gorges
EPI	Economia Política Internacional
EUA	Estados Unidos da América
FAO	Food and Agriculture Organization
FIDA	Fundo de Desenvolvimento Agrícola
FMI	Fundo Monetário Internacional
GWM	Great Wall Motors
G7	Grupo dos Sete
G8	Grupo dos Oito
G20	Grupo dos Vinte
IBAS	Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
iBRICS	Innovation BRICS Center
IFI	Instituições Financeiras Internacionais
Mercosul	Mercado Comum do Sul
MRE	Ministério das Relações Exteriores
nirBRICS	New Industrial Revolution BRICS
NBD	Novo Banco de Desenvolvimento
PCL	Precision Camshafts Limited
PDP	Produtos derivados de petróleo
PPE	Principal Produto Exportado
PPI	Principal Produto Importado
UE	União Européia

URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
Plano ABC	Plano Agricultura de Baixa Emissão de Carbono

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
2 APRESENTAÇÃO DA ABORDAGEM E METODOLOGIA	26
2.1 ABORDAGEM DA PESQUISA E ESCRITA	26
2.1 METODOLOGIA DO ESTUDO	28
3 A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO BRASIL E OS PAÍSES DO BRICS.....	30
3.1 BREVE HISTÓRICO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA	30
3.2 BREVE HISTÓRICO DA POLÍTICA COMERCIAL BRASILEIRA COM OS PAÍSES DO BRICS.....	31
3.2.1 AS RELAÇÕES BRASIL-ÁFRICA DO SUL (1990-2008)	32
3.2.2 AS RELAÇÕES BRASIL-CHINA (1990-2008)	34
3.2.3 AS RELAÇÕES BRASIL-ÍNDIA (1990-2008)	36
3.2.4 AS RELAÇÕES BRASIL-RÚSSIA (1990-2008)	37
4 A CRIAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO BRICS.....	40
4.1. AS PRIMEIAS CÚPULAS (2009-2013)	41
4.2 2014 E O “PASSO À FRENTE”	43
4.2.1 O ACORDO DE CONTINGÊNCIA DE RESERVAS.....	45
4.2.2 O NOVO BANCO DE DESENVOLVIMENTO	45
5 BREVE RETROSPECTO DAS CÚPULAS E PROJETOS (2015-2023)	49
6 BENEFÍCIOS AO BRASIL (2014-2024).....	51
6.1. PRINCIPAIS ÁREAS E RESULTADOS	51
6.1.1 AGRICULTURA.....	51
6.1.1.1 PLANOS AGRÍCOLAS DO BRICS	53
6.1.1.2. OUTRAS AÇÕES ALCANÇADAS.....	54
6.1.1.3 RESULTADOS NO AGRONEGÓCIO.....	55
6.1.2 COMÉRCIO	57
6.1.2.1 AVANÇOS INSTITUCIONAIS.....	58
6.1.2.2 TURSIMO	58
6.1.2.3. OUTRAS OPORTUNIDADES COMERCIAIS	59
6.1.2.4 IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DO BRASIL.....	60
6.1.3 INDÚSTRIA.....	66
6.1.3.1 CONSELHO EMPRESARIAL DO BRICS (CEBRICS)	67
6.1.3.2 PRINCIPAIS INVESTIMENTOS DO BRICS NA INDÚSTRIA BRASILEIRA	68

6.1.3.3 DADOS DA INDÚSTRIA (2014-2022)	69
6.1.4 INFRAESTRUTURA	70
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	75
ANEXO	80

1 INTRODUÇÃO

O trabalho cobre parte da trajetória brasileira junto aos países do BRICS, analisando como se caracterizou a aproximação brasileira com os países e o processo de estruturação do bloco econômico, marcado por processos internos e externo aos países membros e que refletiram na participação brasileira dentro do bloco, e por fim são apresentadas algumas análises comparativas que resultaram em benefícios diretos e indiretos para o Brasil ao fazer parte do bloco ao longo de toda a sua existência.

Ao Brasil, é favorável a atual conjuntura de estar junto ao BRICs devido, entre outros fatores, a expansão da parceria horizontalmente, aos investimentos internos entre os países e ao protagonismo que o país terá a partir de 2025 com o mandato de presidência do Bloco. Além disso, merece destaque a participação brasileira na direção do banco de investimentos do BRICS, do qual o Brasil já tem o cargo desde meados de 2023.

Dessa maneira, realizar um retrospecto do papel brasileiro junto a formação e estruturação do BRICS é fundamental para se entender quais foram os resultados obtidos ao longo dos quase 15 anos de existência do Bloco e como esses resultados tiveram impactos positivos ao Brasil. E a partir de um breve estudo histórico da política comercial brasileira no contexto da globalização pode-se entender como ocorreu a inserção do país junto as outras nações que resultaria na criação do BRICS e, a partir de um estudo mais aprofundado das estruturas, cúpulas e projetos do Bloco, fica possível a percepção de quais foram os resultados pretendidos e conquistados da participação brasileira junto a essa organização no que se trata as diversas áreas de parcerias e investimentos.

Por fim, deixa-se explícito aqui que por motivos de decisão pessoal do autor, considerando o recorte de tempo delimitado para o trabalho, que leva em conta o período pré-BRICS até o ano de 2024, o Bloco, atualmente conhecido como BRICS+ será referenciado nesse estudo apenas como BRICS devido à recente entrada de outros países no Bloco, dos quais não estão diretamente ligados ao estudo e a consequente análise dos resultados já que eles ingressaram ao Bloco posteriormente e, portanto, serão desconsiderados.

2 APRESENTAÇÃO DA ABORDAGEM E METODOLOGIA

Por opção analítica, esse estudo foi separado em duas formas de produção, sendo a primeira uma abordagem na forma de interpretação, leitura e escrita do estudo e a metodologia em que se baseia a disposição dos capítulos e a correlação entre eles.

2.1 Abordagem da Pesquisa e Escrita

O modelo de abordagem de escrita¹ é feito a partir de material bibliográfico que visa orientação, direcionando o estudo a elaborar uma linha cronológica de apresentação e análise envolvendo aspectos delimitados por motivo de escopo do estudo.

Considerando a dimensão do bloco dos BRICS+ e sua atuação mundial, assim como compreendendo as questões brasileiras ao que envolve a política externa do período da globalização, é necessário delimitar quais partes serão levadas em consideração na análise feita nesse estudo. Entretanto, antes de apresentar essas partes, cabe aqui expor os fatores-chaves que norteiam esse estudo. São sete no total, envolvendo aspectos distintos, mas que se interligam na dinâmica da análise. São eles:

- I. Economia Política Internacional
- II. Política Comercial
- III. Conjuntura Histórica
- IV. Organizações Internacionais
- V. Estrutura e Projetos
- VI. Resultados

A Economia Política Internacional (EPI) é uma subárea de pesquisa entre os campos da Economia-Ciência Política-Relações Internacionais que surge daí então o nome, envolvendo três componentes que se conectam, partindo da Economia como um princípio básico da sociedade, partindo para a Política onde se institui a figura do Estado e suas competências e, por fim, chegando ao Internacional onde coloca os outros dois componentes em um ambiente

¹ Seguindo a forma de abordagem das principais bibliográficas que norteiam esse estudo, o uso de uma linha cronológica do tempo adicionada a fatores-chaves de análise são a principal forma de conduzir a elaboração do estudo. Dessa forma, fica claro que a intenção do autor é de apresentar o estudo do Bloco como uma série de processo evolutivo do mesmo e seus desdobramentos e resultados.

vasto de Estados e diferentes questões econômicas (Fernandes, 2013). Assim, para este estudo, a EPI colabora em entender parte do contexto de formação dos BRICS e como parte das ações do bloco são conduzidas até hoje.

Por parte da Política Comercial, que está totalmente ligada a EPI, temos as políticas de Estado voltadas ao Comércio e a Economia, envolvendo questões como Acordos, Embargos, Taxações e Balança de Pagamentos que são fundamentais na condução e funcionamento de um país no contexto da globalização, além dos impactos diretos na sociedade. E para esse estudo, a Política Comercial colabora para entendermos também parte da situação dos BRICS, como a crise econômica de 2008, a Rodada de Doha e alguns dos projetos dos BRICS em si.

O conceito de Conjuntura Histórica vem do recurso metodológico de pesquisa nomeado como Análise de Conjuntura, que consiste no estudo de um recorte temporal de curta e média duração (caracterizado em anos ou algumas décadas) no qual se busca explicitar um período e pontos delimitados. Assim, essa análise não fica apenas neutra, tendo um direcionamento proposto, no caso de ser histórica demarca um período já ocorrido (Queiroz, 2020). Essa Conjuntura Histórica a ser analisada expressa o momento em que se encontravam os países do BRICS no âmbito internacional no contexto de formação do Bloco no período pós 2008.

As Organizações Internacionais é um termo que começa a ter destaque no pós Segunda Guerra, especialmente após a criação da ONU e a conferência de Bretton Woods, que se refere aos diferentes agrupamentos entre os Estados realizados por Acordos, Tratados e afins. Ademais, a questão dos Estados criarem “formas associativas em áreas geopolíticas” é definida através da relação traçada entre eles com a intenção de se alcançar um fim comum buscando homogeneizar os conflitos internacionais diversos (Zanghi, 1992). E para o BRICS, embora não seja enquadrado como uma organização internacional, a proporção do bloco e sua capacidade de articulação, aliado notavelmente pela sua estrutura mais igualitária entre os seus membros em comparação a organizações internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) fazem do Bloco um diferencial. Além disso, o BRICS também tem contato com outras Organizações Internacionais de diversas esferas das quais seus países membros também fazem parte.

No tocante a Estrutura e Projetos, esta área é inteiramente ligada a fundamentação e ação do bloco, isto é, como as decisões são tomadas e os projetos elaborados. Dessa forma, esse fator é mais direto e até mesmo mais estatístico, considerando questões como valores e porcentagens, sendo importante para esse estudo a pesquisa e a elaboração de material que permita visualizar de forma clara como isto se apresenta em gráficos, tabelas ou semelhantes.

Por fim, os Resultados exprimem o processo de análise dos investimentos da maneira mais sucinta, utilizando de fontes visuais acompanhadas de parágrafos explicativos que

complementam a apresentação. Esta parte foi útil também como prelúdio da conclusão, direcionando o estudo ao seu processo de finalização.

2.1 Metodologia do Estudo

Devido a forma como o estudo foi elaborado, como apresentamos acima, a metodologia se baseia em duas partes distintas, as quais se conectarão ao longo da análise. A primeira parte está concentrada na pesquisa bibliográfica, com a utilização de material de autores que analisaram situações específicas, relação de atores estatais, conjunturas e a própria origem e evolução do bloco dos BRICS em si. Aqui busca-se situar o contexto em uma da aproximação do Brasil com os outros países que viriam a compor o Bloco, apartir da noção do alinhamento entre esses países emergentes, e assim, quais foram os passos seguintes. Portanto, considerando a noção base do contexto histórico, isto è`a capacidade de elencar os elementos de compreensão de um fato já ocorrido e que de tal forma se concretizou, não havendo direcionamento para sua mudança ou término, e o enfoque econômico desse estudo², outras questões que envolveriam maior complexidade argumentativa como crises políticas, mudanças de condução de governo e afins não serão consideradas a partir do momento que a segunda parte deste estudo, voltada aos resultados, tem intenção de expor aspectos puramente econômicos e comerciais que percorrem o período de recorte da pesquisa (2014-2024).

A segunda parte da metodologia está presente nos Capítulos 5 e 6 desse estudo, focando em documentos oficiais dos BRICS, bem como outras análises objetivas, com a intenção de extrair o material proposto e deixar o mais sucinto possível. Inicialmente apresentando os principais pontos de cada cúpula do Bloco no recorte temporal e depois procedendo em analisar os projetos e parcerias a partir de áreas específicas. São elas:

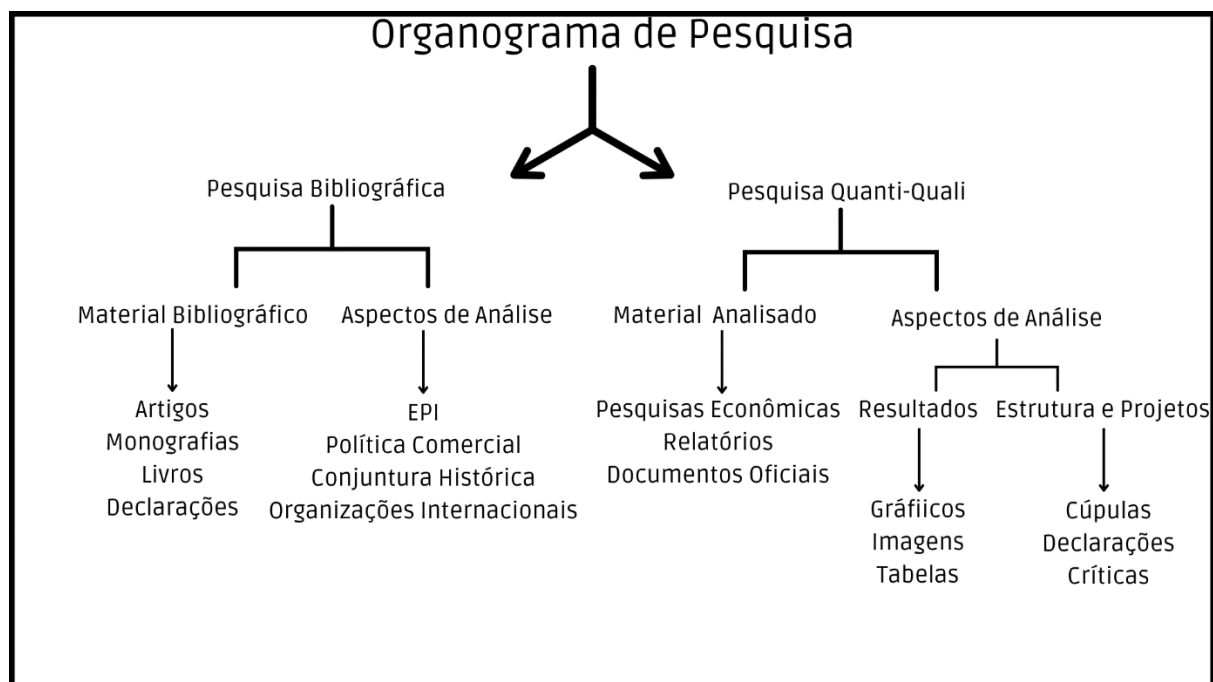
- I. Agricultura
- II. Comércio
- III. Indústria
- IV. Infraestrutura

Cada uma dessas partes de análise foram escolhidas com a intenção de agrupar os

² O autor reconhece que este recorte pode possuir limitações na análise e não contemplar todas as áreas correlatas ao que se intui está exposição. Entretanto, utilizando dos recursos metodológicos e delimitando a abordagem como já realizado fica considerado qual será a procedência deste estudo.

principais resultados. Elas são também os principais pontos de participação e interesse do Brasil no BRICS. Abaixo encontra-se um Organograma Estrutural combinando os aspectos de metodologia e abordagem do estudo.

Figura 1 – Organograma de Pesquisa do Estudo



Fonte: Elaboração Própria, 2024.

Definido a metodologia, e por conseguinte a estrutura deste estudo, o título seguinte serve de introdução ao estudo, caracterizando os aspectos principais da relação do Brasil com os países do BRICS.

3 A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO BRASIL E OS PAÍSES DO BRICS

A construção da relação entre o Brasil e os países do BRICS reflete um processo gradual de aproximação estratégica e cooperação que se consolidou ao longo das duas primeiras décadas do século XXI. Esse processo está profundamente relacionado com a busca do Brasil por uma maior inserção no cenário global, visando diversificar suas parcerias internacionais e fortalecer sua posição como líder regional e uma potência emergente. A criação do BRICS, em 2008 a partir de uma reunião formal entre os países membros, simbolizou o reconhecimento da crescente influência dessas nações, que compartilhavam desafios e oportunidades no campo político, econômico e social.

No entanto, a construção dessa relação não se deu de maneira repentina. Antes da formalização do bloco, o Brasil já mantinha relações comerciais e diplomáticas com cada um dos países do BRICS, com destaque para a expansão do comércio eo desenvolvimento de acordos bilaterais. A análise da política externa brasileira durante esse período revela como o país utilizou sua diplomacia para aproximar-se desses países, alinhando seus interesses econômicos e geopolíticos, além de explorar as potencialidades de um bloco que visava desafiar as estruturas tradicionais de poder internacional. A compreensão dessa trajetória, tanto nas esferas diplomática quanto comercial, é fundamental para entender os alicerces que sustentam a cooperação entre o Brasil e os países do BRICS até os dias atuais.

3.1 Breve histórico da Política Externa Brasileira

Embora a política externa do Brasil, ao longo da história tenha buscado seguir uma certa ideia de independência em períodos específicos, havia de se considerar fatores externos e internos que requereram (ou forçaram) a decisão de seguir algum caminho no plano internacional.

Entre esses aspectos estão as políticas econômicas e de desenvolvimento, as quais envolvem não apenas fatores internos, mas também a situação com outros países, o que por vezes requereu da diplomacia brasileira algum esforço desde a independência.

O alinhamento brasileiro junto a outras nações já fica evidente ainda durante o período monárquico com a aproximação da Grã-Bretanha e, mais à frente, dos Estados Unidos, legado da política externa carregado durante a Primeira República e fortalecido pelo comércio. E ainda após a revolução de 1930, que trazia o ideal desenvolvimentista ao coração do Estado, o alinhamento se manteve firme junto aos Estados Unidos, com apenas alguns percalços no

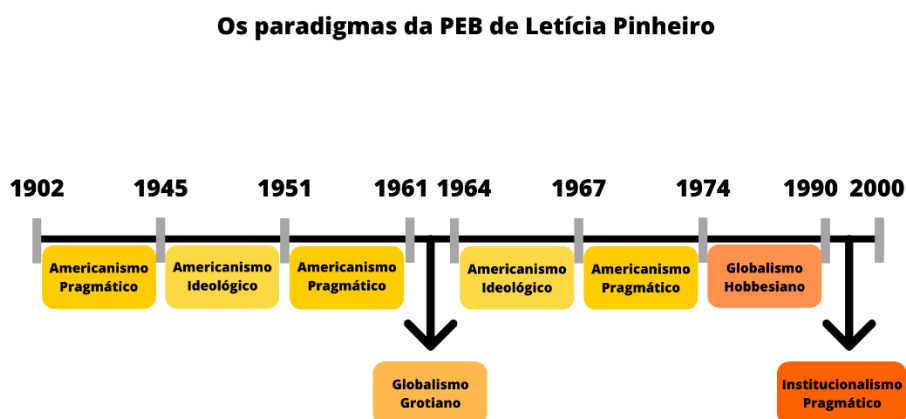
caminho como durante o período da Segunda Guerra Mundial.

As mudanças mais substantivas vão acontecer apenas durante a Ditadura Militar, mais especificamente durante o Governo Geisel, que na contramão dos governos anteriores vai buscar uma maior austeridade em conduzir política externa devido aos impasses com os Estados Unidos, o que vai coincidir gradualmente em aproximação com outras nações. Assim, o Brasil inicia grande parte de seu contato de maneira mais significativa junto as outras nações emergentes, destacando a retomada de diálogo com a China em 1974, que se manteve cortada desde 1946.

Avançando para o período da redemocratização e, portanto, da Nova República, as transformações da política externa brasileira buscaram se situar dentro da expansão da globalização. Nesse sentido, o Brasil se aproximou de outros países, especialmente os emergentes que buscavam inserção na econômica internacional e desenvolvimento interno.

Dessa forma, conforme apresentado por Oliveira (2020), a seguir, no histórico da política externa brasileira, a década de 1990 inaugura um novo período para o Brasil.

Figura 2 – Linha do tempo de paradigma da Política Externa Brasileira



Fonte: OLIVEIRA, 2020

3.2 Breve histórico da política comercial brasileira com os países do BRICS

A partir do que foi apresentado, estabelecendo um recorte a partir dos anos 1990, podemos fazer algumas considerações sobre a aproximação brasileira dos países emergentes, e mais especificamente daqueles que viriam a compor o BRICS. Entre os principais aspectos que aproximaram o Brasil dos países emergentes foi a busca pelo desenvolvimento conjunto, além

da busca por expandir o comércio internacional brasileiro que majoritariamente era de *commodities*.

A seguir serão caracterizadas essas relações individualizadas com cada um desses países que iriam compor o BRICS: Rússia, Índia, China e África do Sul. Nosso foco será nos pontos que mais permitiram a aproximação do Brasil com esses países, demonstrando também como o comércio dessas relações bilaterais foi crescendo ao longo dos anos a partir de gráficos que irão considerar aspectos como o Intercâmbio Comercial (soma total entre as Exportações e Importações), a Exportação e a Importação do Brasil junto a cada um desses países de mercadorias específicas.

3.2.1 As relações Brasil-África do Sul (1990-2008)

Ainda que em 1990 já fizessem mais de 40 anos do estabelecimento das relações bilaterais, as relações foram limitadas devido ao regime de apartheid na África do Sul e às sanções internacionais contra o país. Sendo que somente após o fim do apartheid em 1994, a transição para a democracia permitiu um aumento significativo nos laços bilaterais. A visita de Fernando Henrique Cardoso, em 1996, acompanhando de ministros e empresários, correspondida com a visita de membros do Estado Sul Africano nos anos de 1997, 1998 e 2000, marcando uma nova era de cooperação entre as duas nações (Lechini, 2008).

A criação do Fórum IBAS (Índia, Brasil e África do Sul), em 2003³, fortaleceu ainda mais os laços, promovendo a cooperação em áreas como desenvolvimento sustentável e comércio. Além disso, o comércio bilateral cresceu substancialmente, com parcerias estratégicas em setores como agricultura e mineração, como demonstrando na aquisição de 2,1% da Companhia Vale do Rio Doce pelo conglomerado Billinton, em 2000, pelo valor de US\$ 327 milhões (Filho, 2001). As duas nações também colaboraram em iniciativas de paz e segurança no continente africano, destacando-se na ONU e outras organizações internacionais. Até 2008, a relação bilateral foi marcada por um crescimento contínuo.

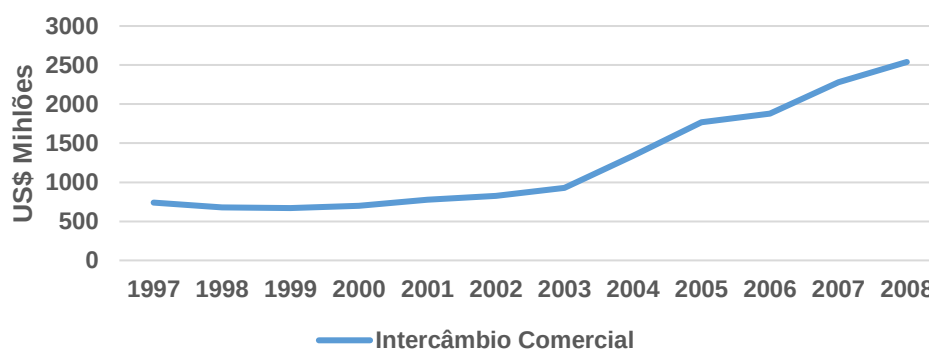
Os gráficos a seguir contêm o panorama da relação bilateral entre os países, sendo que o Gráfico 1 tratado do Intercâmbio Comercial⁴ como a soma das exportações e importações; o

³ O IBAS é um dos principais responsáveis por dar início a participação brasileira no que viria a ser conhecido como cooperação Sul-Sul, reunindo diversos países do Sul Global.

⁴ Destaca-se no Gráfico 1 o período pós 2003, quando o valor aumenta exponencialmente, especialmente devido as aproximações resultantes da criação do IBAS.

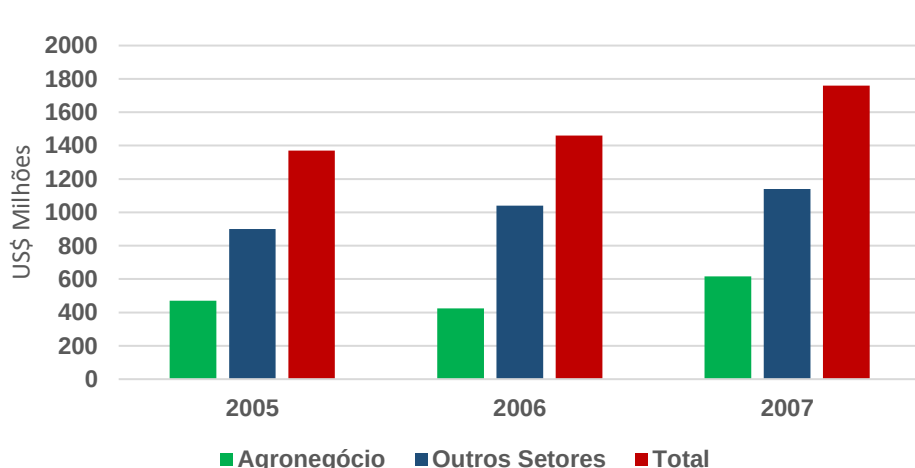
Gráfico 2 das exportações brasileiras em 3 categorias e o Gráfico 3⁵ no mesmo modelo, mas dessa vez para as importações brasileiras.

Gráfico 1 - Intercâmbio Comercial Brasil-África do Sul (1997-2008)



Fonte: Elaboração Própria com base em dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de 2008

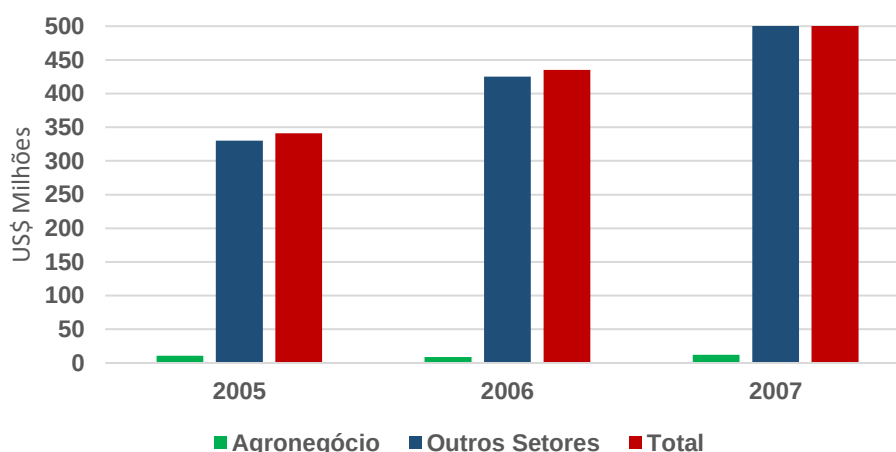
Gráfico 2 – Exportações Brasileiras para a África do Sul (2005-2007)



Fonte: Elaboração Própria com base em dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de 2008

Gráfico 3 – Importações Brasileiras da África do Sul (2005-2007)

⁵ O Gráfico 3 se faz importante para mostrar que embora o Brasil não tenha dependência de agronegócio dos sul-africanos, consome muitos produtos manufaturados, de maior valor agregado, o que poderia afetar a balança comercial em caso de desvalorização dos produtos brasileiros exportados.



Fonte: Elaboração Própria com base em dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de 2008

3.2.2 As relações Brasil-China (1990-2008)

Para as relações com a China, o Brasil retomou conversas após longos 25 anos de distanciamento devido a Revolução Chinesa, sendo apenas no ano de 1974 quando os canais de diálogo retornaram, e realmente só buscando aproximação a partir de 1982 com a visita do então ministro do MRE a China. Tendo ainda naquela década iniciado o projeto de parceria na construção e lançamento de satélites entre os dois países. Com a expansão econômica vivenciada na China após a abertura comercial nos anos 1980, o comércio entre os dois países se aproximou, especialmente a partir da década de 90 promovendo acordos e tratados de cooperação para o desenvolvimento conjunto (Pires, 2015).

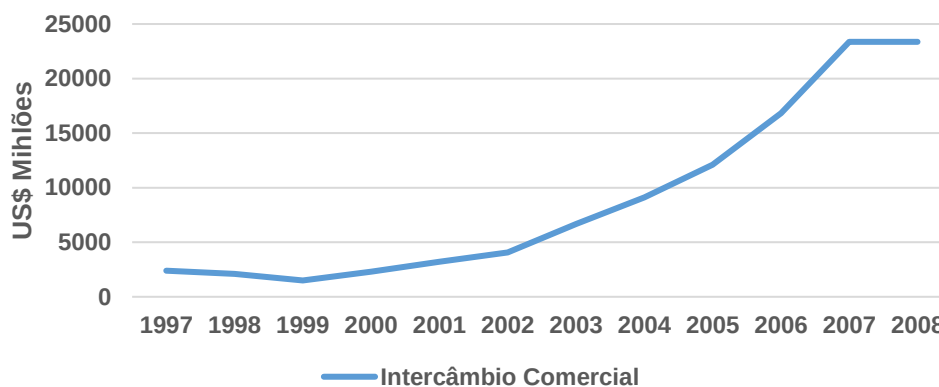
Destaca-se que houve ainda mais encontros e o estabelecimento da Parceria Estratégica Brasil-China, em 1993. Seguido, em 1995, pelo apoio brasileiro à entrada da China na OMC e por fim o lançamento do primeiro satélite conjunto em 1999 (MRE, 2024).

No início dos anos 2000, a China já havia se tornado o maior parceiro comercial do Brasil na Ásia, e até ao final daquela década a China se tornou a principal parceira comercial do Brasil. Enquanto pelo lado brasileiro, a economia nacional obteve materiais industriais de fácil produção na China. O projeto de fortalecimento das duas economias foi se ampliando e com o surgimento dos BRICS a ação (relação?) de ambos ficou ainda mais estreita.

O Gráfico 4 a seguir demonstra bem a afirmação do parágrafo anterior sobre a

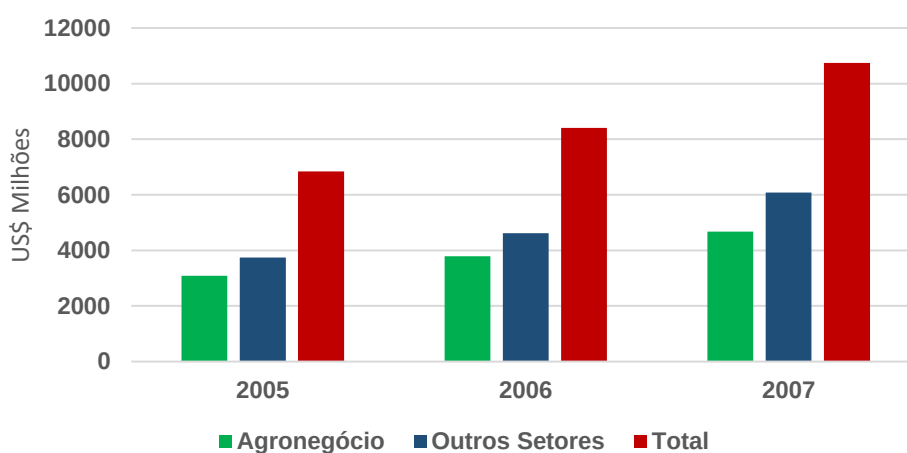
ascensão da relação sino-brasileira no comércio. Os Gráficos seguintes seguem com a apresentação das Exportações e Importações⁶.

Gráfico 4 - Intercâmbio Comercial Brasil-China (1997-2008)



Fonte: Elaboração Própria com base em dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de 2008

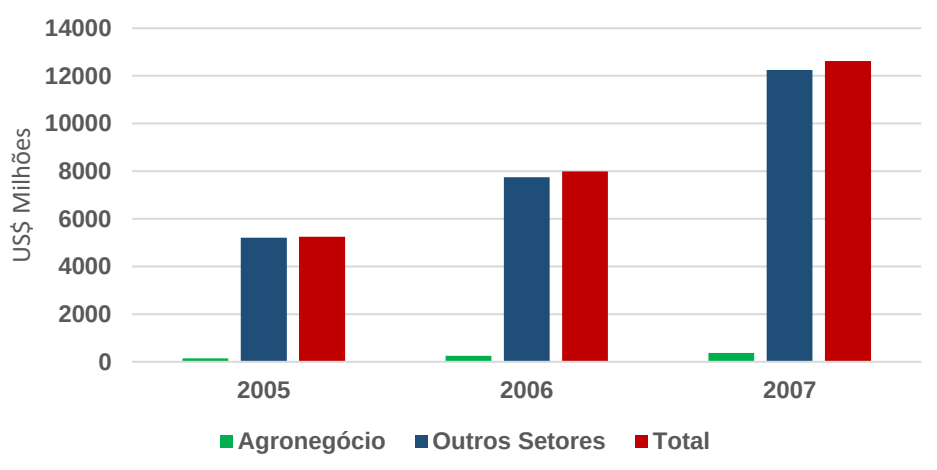
Gráfico 5 – Exportações Brasileiras para a China (2005-2007)



Fonte: Elaboração Própria com base em dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de 2008

Gráfico 6 – Importações Brasileiras da China (2005-2007)

⁶ Em uma análise rápida entre os gráficos 5 e 6 fica notável a diferença no equilíbrio entre bens agrícolas e outros bens, com o Brasil basicamente fazendo todas as suas Importações de outros bens.



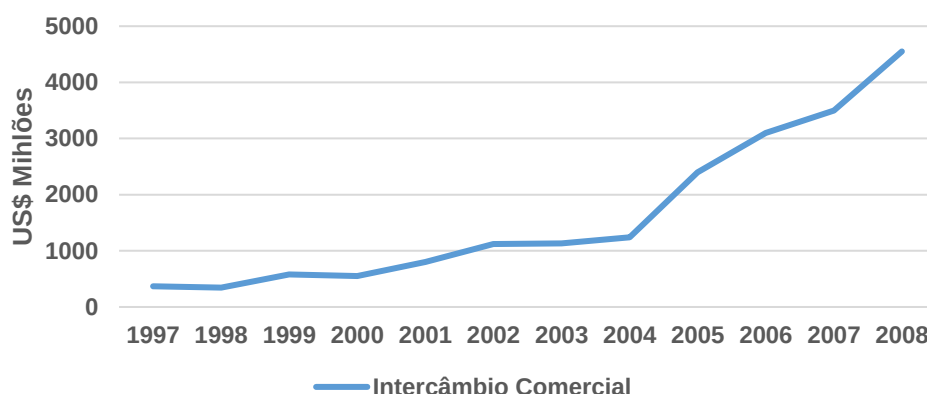
Fonte: Elaboração Própria com base em dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de 2008

3.2.3 As relações Brasil-Índia (1990-2008)

Com a Índia, o Brasil iniciou suas relações logo após a independência, em 1947, as quais evoluíram de forma significativa. Tendo inicialmente ambos os países compartilhado interesses no Movimento dos Países Não Alinhados, promovendo a cooperação Sul-Sul e defendendo políticas de independência econômica. Durante as décadas de 1960 e 1970, a relação se manteve cordial, mas com interações limitadas. A partir dos anos 1990, com a liberalização econômica em ambos os países, a parceria ganhou novo fôlego, com visitas oficiais e a assinatura de Memorandos, sendo esse a marca inaugural de uma nova etapa na relação bilateral que seguiu ao longo da década de 1990 e início dos anos 2000 (Kosminsky, 2014), o que viria a possibilitar mais à frente a articulação para o estabelecimento do Fórum IBAS (Índia, Brasil e África do Sul), em 2003, que marcou um importante passo na cooperação trilateral, focando em temas de desenvolvimento sustentável e cooperação tecnológica. Com a criação do BRIC inicialmente, fortalecendo ainda mais os laços entre os países, destacando a importância estratégica de ambas as nações no cenário global.

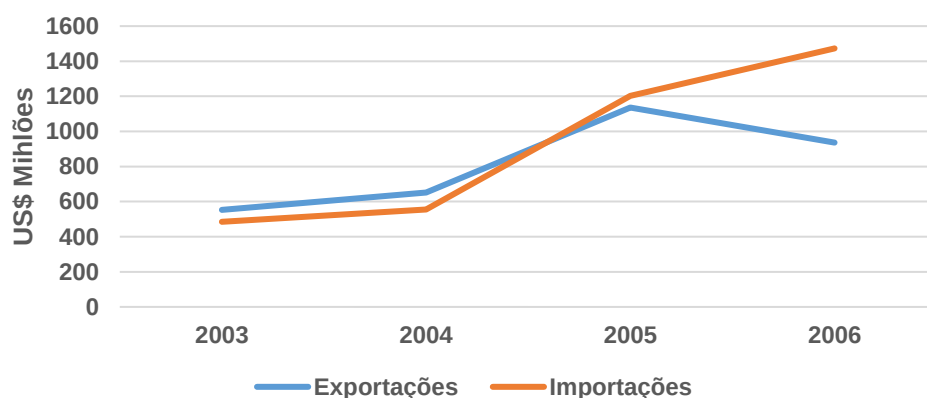
O Gráfico 7 deixa evidente como a criação do IBAS permitiu a aproximação entre os dois países.

Gráfico 7 - Intercâmbio Comercial Brasil-Índia (1997-2008)



Fonte: Elaboração Própria com base em Kosminsky, 2014

Gráfico 8 – Comparativo Exportação e Importação do Brasil com a Índia (2003- 2006)



Fonte: Elaboração Própria com base em Vieira, 2007

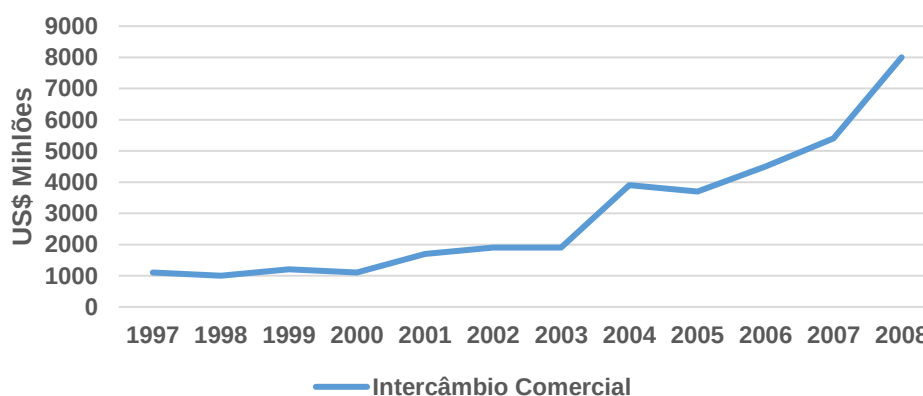
3.2.4 As relações Brasil-Rússia (1990-2008)

O Brasil iniciou as suas primeiras tratativas diplomáticas com a União Soviética apenas em 1961 após a posse de Jânio Quadros, e embora durante o governo seguinte de João Goulart tenha ocorrido avanços, com o governo militar iniciado em 1964, o relacionamento foi marcado por distanciamento e desconfiança devido aos alinhamentos globais opostos, com o Brasil alinhado aos Estados Unidos e a União Soviética liderando o bloco socialista. Após o colapso da União Soviética em 1991, foi rápido o reconhecimento do Brasil sobre a Federação Russa, com o país começando a se reestruturar, e o Brasil, após retornar à democracia, começou a liberalizar sua economia.

Durante a presidência de Fernando Henrique Cardoso, o "Acordo de Parceria Estratégica" de 1997 marcou o início de uma cooperação mais estreita (Hatje & Perin, 2021), que resultou em uma série de acordos nos anos seguintes como o de Transferência de Tecnologia Bélica e Militar em 2003. Sob governos Vladimir Putin e Luiz Inácio Lula da Silva, a cooperação se intensificou, culminando com a visita de Lula à Rússia em 2004 e a assinatura de vários acordos (Corá, 2012), com a criação do BRIC nos anos posteriores, tendo fortalecido ainda mais essa parceria.

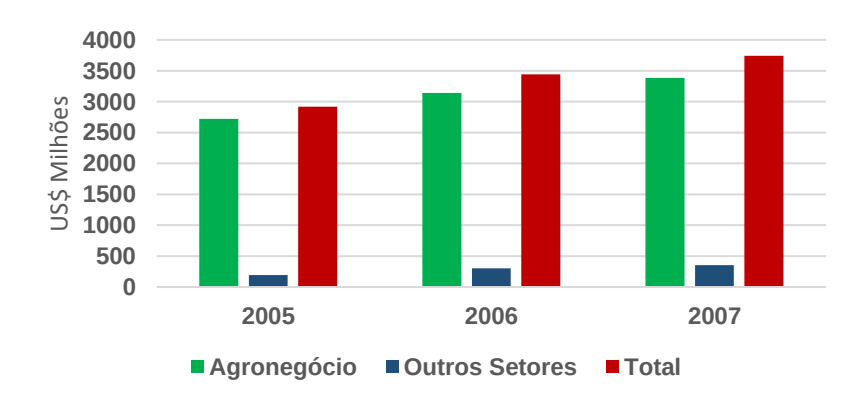
O Gráfico 9 demonstra que a relação comercial atingiu novos níveis entre os dois países antes da criação do BRICS. O Gráfico 10, por outro lado, quando comparado ao Gráfico 11 mostra uma inversão na relação entre a exportação/importação de mercadorias específicas, com o Brasil tendo mais de 90% das suas exportações com o agronegócio, enquanto mais de 95% das suas importações eram de outros bens.

Gráfico 9 - Intercâmbio Comercial Brasil-Rússia (1997-2008)



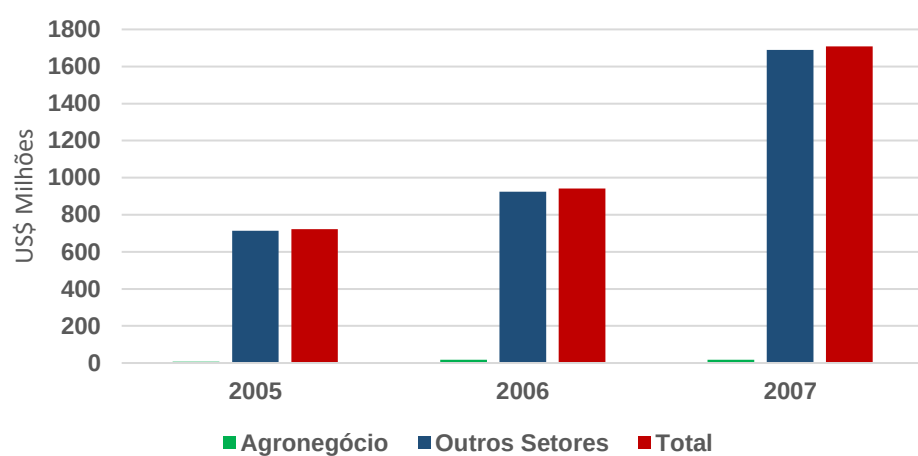
Fonte: Elaboração Própria com base em dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de 2008

Gráfico 10 – Exportações Brasileiras para a Rússia (2005-2007)



Fonte: Elaboração Própria com base em dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de 2008

Gráfico 11 – Importações Brasileiras da Rússia (2005-2007)



Fonte: Elaboração Própria com base em dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de 2008

4 A CRIAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO BRICS

Tendo apresentado uma breve análise das relações comerciais do Brasil e os outros países do BRICS, agora é necessário desenvolver o aspecto da Conjuntura que culminou na criação do grupo e encadeou seus processos de estruturação.

A criação dos BRICS ocorreu em um contexto de mudanças profundas no cenário geopolítico e econômico global. Esses países emergentes estavam experimentando um crescimento econômico acelerado e uma maior influência nos assuntos internacionais.

Nesse período, havia um sentimento crescente de insatisfação com a ordem econômica e política global dominada pelos países desenvolvidos, como era a situação do FMI e OMC após os atrasos no desenvolvimento da rodada de Doha, a partir de 2001 e o Consenso de Washington que vigorava desde 1989. Tendo muitos países emergentes se sentindo sub-representados e mal servidos pelas instituições internacionais existentes. (Raminelli, 2019)

A criação dos BRICS foi motivada pelo desejo desses países de aumentar sua influência e capacidade de moldar a governança global. Eles procuravam criar uma aliança estratégica que lhes permitisse defender seus interesses comuns e desafiar o *status quo*, algo diferente do que outras organizações internacionais até então haviam tentado, como o Mercosul e a União Europeia.

Essa iniciativa também foi uma resposta ao crescimento das economias emergentes e à ascensão do poder não ocidental no mundo. Eles representavam uma voz coletiva dos países em desenvolvimento em questões econômicas e políticas globais, buscando fortalecer suas posições no cenário internacional.

A crise de 2008 também foi marcante para a ascensão do grupo, dando início a um efeito dominó de recessão econômica e falhas na especulação financeira em países da Europa e os EUA, enquanto os países emergentes tomavam rumos diferentes a partir do crescimento interno e de uma articulação econômica e política mais independente. Sendo na verdade esse, um retrospecto de uma situação iniciada ainda na década de 1990 como apresentado e se intensificado a partir do século XXI, como explicita-se na declaração de Jim O'Neill, em 2001, através de um documento do grupo bancário e de investimentos Goldman Sachs que utilizou a sigla BRIC para atestar a ascensão desses países emergentes na esfera política e internacional.

Os países do Continente Asiático já percorriam caminhos de parceria já em meados da década de 1990 dos quais ajudaram a potencializar suas indústrias ou se reorganizarem economicamente, como foi o caso da Rússia pós-URSS (Ribeiro & Maringoni, 2019). Enquanto o Brasil e a África do Sul passavam por seus processos de abertura econômica, sendo o primeiro

após o restabelecimento democrático e a contenção inflacionária e o segundo pós-fim do Apartheid que foi fator de grande impacto em sanções sofridas pela África até 1994.

Contudo, embora esses países tenham começado a se destacar, ainda não havia uma articulação definitiva entre eles, como ocorria no caso do G7 + Rússia, fora os já mencionados desgastes nas instituições internacionais. Foi então, em 2006, durante a 61ª Assembleia Geral das Nações Unidas que o então ministro das relações exteriores russo Sergey Lavrov convidou o Brasil a participar das discussões e encontros do então grupo (RIC) que já existia desde 2001. (Ribeiro & Maringoni, 2019)

Nessa direção, em 2008, foi realizado o primeiro encontro dos BRIC, em Ecaterimburgo, na Rússia. Nesse primeiro encontro desencadeou-se os primeiros diálogos em grupo e a elaboração das etapas seguintes de integração, ocorridas ainda naquele ano durante a reunião da Cúpula do G8 no Japão, que contou com a participação de países observadores que faziam parte do BRIC, sendo ali decidido o agendamento da primeira cúpula exclusiva do grupo a ocorrer no ano seguinte. (Rael & Lourenção, 2023)

4.1. As primeiras cúpulas (2009-2013)

Em 2009, o grupo se reencontra em Ecaterimburgo para o que ficou conhecido como a Iª Cúpula do BRIC, ponto de partida para as discussões entre os países no intervalo das reuniões do G20 que aconteciam anualmente. Além disso, discussões sobre reformas nas instituições financeiras internacionais marcaram os primeiros direcionamentos para as ações a serem tomadas em futuras reuniões. Dessa maneira, o grupo passou de ser apenas uma alinhamento de países emergentes na economia para países que buscavam algum protagonismo político vinculado a estabelecer um forte entrelaço de comércio e outras parcerias. (Ramos et al., 2018)

No ano seguinte, agora já mais alinhados com os objetivos em comum, a IIª Cúpula do BRIC ocorreu em Brasília marcando de maneira incisiva as ações do grupo voltadas à política, como a governança internacional conjunta que buscava fazer frente a uma “devida arbitrariedade”⁷ em outras instituições internacionais; além da retomada de discussões para a reforma no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU)⁸.

⁷ Essa arbitrariedade era reconhecida especialmente por parte do poder de veto dos EUA dentro do FMI, ponto que será percorrido mais a frente.

⁸ As discussões por reforma no CSNU remetem ainda a década de 1970 quando mais países começaram a ter destaque internacional, especialmente aqueles com poderio nuclear ou que haviam alguma outra relevância internacional como a economia; O Brasil coincidente no mesmo período que se aproximava desses países emergentes é quando defende a necessidade de ter uma cadeira da qual ele possa fazer parte no CSNU.

Em 2011, a IIIª Cúpula ocorreu em Sanya, na China. Ela foi marcada por dois pontos principais como destaca Ramos et. al. (2018): a) a entrada da África do Sul, a qual já mantinha diálogos e relações comerciais com todos os países membros naquele momento, dando então mais uma letra ao acrônimo, agora como BRICS e b) todos os então membros ali presentes estavam com cadeiras no CSNU, mais uma vez então representado a força e dimensão que o grupo estava tomando.

Sobre a entrada da África do Sul, há ainda três válidas complementações que destacam argumentos favoráveis ao país e ao bloco na adesão, como a maior representatividade geográfica com agora membros da América, Eurásia e África, o aumento do comércio sul-africano, com os números totais mais que triplicando em um recorte de 5 anos (Ribeiro & Maringoni, 2019). Ademais, a entrada do país permitiu a aproximação do bloco com o restante dos países africanos, e na visão do governo da África do Sul essa era uma ótima oportunidade para impulsionar seus desejos econômicos e geopolíticos mundialmente. (Rodrigues de Sá, 2022)

Dessa forma se consolidava, então, uma parceria estratégica que agregava alguns dos maiores responsáveis pelo comércio do mundo.

Essa parceria entre os países dos BRICS é importante na medida em que a China e a Índia são consideradas “a fábrica do mundo” e “o escritório do mundo”, respectivamente. A Rússia, por sua vez, é conhecida como “o posto de combustíveis do mundo” e o Brasil como “a fazenda”. E por fim, a África do Sul pode ser interpretada como “a porta de entrada” ou “o portão de proteção” do continente africano e seus ricos recursos naturais. (RAMINELLI, 2019)

Com a nova adição ao bloco, completava-se de maneira estratégica a parceria entre algumas das economias emergentes mais relevantes do sistema internacional, que se somava a distribuição geográfica desses países, fato citado acima, além da importância da política externa deles em outras organizações internacionais, vide ONU, FMI, OMC e o G-20⁹

Em 2012 ocorreu o 7º Encontro das Economias do G-20 no México, onde os BRICS tiveram proeminência em iniciar e liderar os debates sobre as reformas na liderança global, assim como no comércio e relações conjuntas e ele e dar os primeiros sinais de que se havia necessidade de criar outras instituições internacionais para apoio daquelas já estabelecidas e que auxiliam no crescimento das economias emergentes que já haviam ganhado espaço na

⁹ Em relação a ONU, dois desses países tem assentos permanentes no CSNU, sendo eles China e Rússia; por parte do FMI e da OMC, todos os países faziam parte e poderiam coordenar ações conjuntas dentro dessas organizações e o G-20 era a forma mais direta para esses países se articularem junto a outras das nações mais poderosas.

dinâmica internacional¹⁰. E ainda naquele ano ocorreu a IVª Cúpula dos BRICS em Nova Deli que marcou o primeiro passo para a concretização dos planos das novas instituições financeiras internacionais (IFI)¹¹, com a reunião contando também com a presença dos representantes das finanças dos países além dos chefes de Estado/governo.

Para 2013, o Bloco contou com 2 novos atributos benéficos como apresentados na Vª Cúpula dos BRICS em Durban. O primeiro deles foi o aumento expressivo do comércio BRICS-África, do qual serviu como mais um passo importante para o multilateralismo do grupo e o peso de suas economias no comércio internacional. E o 2º atributo foi a criação de um fundo de reservas de US\$ 100 bilhões a ser usado pelos membros em casos de necessidade de liquidez de curto prazo. (Ramos et al., 2018)

Vale destacar ainda que como exposto por Ramos et al. (2018), um fator crucial para empurrar as reformas nas IFI e avançar com o que estava pendurado pela rodada de Doha desde 2003 foi a eleição do brasileiro Roberto Azevêdo para o cargo de Diretor-geral da OMC naquele ano, demonstrando parecer favorável às demandas dos BRICS.

Por fim, ainda houve uma grande novidade com o anúncio do projeto de um novo banco de desenvolvimento (NDB) que impulsionaria os projetos e as parcerias dentro de cada um dos membros do bloco.

Com isso ficou-se entendido pelo grupo e que deveria ser repassado a toda comunidade internacional a seguinte ideia:

O próprio grupo entendeu isso, e tratou de sublinhar de forma bem clara na V Cúpula que ocorreu em Durban na África do Sul (2013), seu objetivo de reformar de forma lenta e gradual as instituições tradicionais de Bretton Woods controladas pelas potências centrais. A crise financeira de 2008 desencadeou algumas desconfianças em relação às normas e regras da arquitetura financeira internacional, e criou uma janela de oportunidades para os países emergentes reivindicarem uma participação mais efetiva na governança econômica do mundo. (Ribeiro & Maringoni, 2019)

4.2 2014 e o “passo à frente”

A partir da VIª Cúpula do BRICS ocorrida em Fortaleza, podemos argumentar que foi o momento do passo à frente do bloco para tudo aquilo que havia se articulado nas assembleias

¹⁰ Naquele período a China já marcava a 2ª posição no PIB mundial, com Brasil e Rússia em 7º e 8º lugares respectivamente e Índia em 9º. Em comparação, no ano de 2002, a China ocupava a 6ª posição, enquanto Índia e Brasil estavam em 12º e 13º e Rússia nem aparecia no ranking entre as 15 maiores economias.

¹¹ Essas novas organizações financeiras seriam bem representadas com o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII) e o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), que seria o futuro banco dos BRICS.

anteriores, marcando uma série de conquistas internas e externas que centralizariam de vez o bloco como parte de um ideal reformista ou até mesmo de uma Nova Ordem Econômica.

Por parte da própria cúpula, que marcou uma nova rodada de ações do bloco, destaca-se a assinatura do “Acordo Constitutivo do Novo Banco de Desenvolvimento” que tinha como propósito a aplicação de recursos financeiros em projetos de infraestrutura e sustentabilidade nos países do bloco e em outras economias emergentes que atendessem aos interesses do bloco. O Banco teria inicialmente um aporte financeiro de US\$100 Bilhões para realizar seus projetos e parcerias¹², tendo que 50% desse valor seria capital inicial subscrito¹³. (Ramos et al., 2018)

O bloco também estabeleceu o Arranjo de Contingente de Reservas (ACR), que seguia o compromisso acordado na cúpula anterior sobre o fundo de reservas de US\$100 Bilhões. Por fim a Cúpula ainda aprovou o Memorando de Entendimento para Cooperação Técnica entre Agências de Crédito e Garantias às Exportações dos BRICS, que visava aperfeiçoar a comunicação entre os Bancos Nacionais e os Bancos de Desenvolvimento de cada membro.

As conquistas externas decorridas nos anos seguintes, ainda que não diretamente decorrentes do que aconteceu em 2014, certamente foram influenciados. Entre elas, as mudanças ocorridas no FMI e a conclusão da rodada de Doha, em 2015. Destaca-se a reforma do FMI que era sempre bloqueada pela política norte-americana, a qual sofreu mudanças após aprovação de proposta no Senado dos EUA, no fim de 2015. Entre essas mudanças, cabe destacar: (I) perda de 1,8% do poder de voto dos países do G-7, indo de 43% para 41,2%; (II) Aumento de 2,2% do poder de voto para China, indo de 2,8% para 6%; (III) Aumento de 0,52% do poder de voto para o Brasil, indo de 1,71% para 2,21%; (IV) Aumento de 0,31% do poder de voto para a Índia, indo de 2,44% para 2,75%; (V) Aumento de 0,21% do poder de voto para a Rússia, indo de 2,50% para 2,71% e (VI) Perda expressiva entre os vários países europeus. (Ribeiro & Maringoni, 2019) (Rael & Lourenção, 2023).

Entretanto, os BRICS não tiveram um total sucesso na negociação, sendo os principais prejuízos a permanência do poder de veto dos EUA graças a sua maioria no poder de voto¹⁴ e a perda de poder de voto por parte da África do Sul em 0,14%, caindo de 0,78% para 0,64%

¹² O Banco teve capital inicial de US\$100 bilhões. O montante inicial foi subscrito em US\$50 bilhões. Cada membro fundador contribuiu de início com US\$ 10 bilhões, sendo US\$ 2 bilhões integralizados de imediato, em sete parcelas, e US\$ 8 bilhões compõem o capital exigível.

¹³ Capital subscrito é uma promessa de aporte de recursos feita pelos sócios de um empreendimento de forma a garantir que o negócio tenha o capital necessário para funcionar.

¹⁴ Apesar da revisão geral efetuada pelo Board of Governors do FMI, a reforma não foi implementada por falta de votos necessários (Martins, 2014). Para haver mudança são necessários 85% dos votos na instituição. Até abril de 2014, 159 membros acataram a reforma das quotas (78,88% do total de votos). Entretanto, como os Estados Unidos detêm 16,75% do peso dos votos, o país exerce, na prática, um poder de veto. Há itens da reforma que necessitam dos parlamentos nacionais dos países membros. O Congresso americano não aprovou a mudança proposta.

(Rael & Lourenção, 2023). Porém foi um importante passo para a primeira reforma que o FMI recebeu desde sua criação na Conferência de Bretton Woods em 1944 (Rodrigues de Sá, 2022).

Ou seja, ao mesmo tempo em que batalhou para uma mudança nas instituições de Bretton Woods, o grupo tratou de criar as instituições ACR e NBD, inspiradas nas tradicionais, sem pretensão clara de construir uma alternativa a Bretton Woods. NBD e ACR têm como objetivo servir como complemento às estruturas da ordem financeira atual. (Ribeiro & Maringoni, 2019)

Assim, cabe agora esclarecer alguns outros pontos relativos ao NDB e o ACR antes de apresentar o histórico das Cúpulas posteriores entre 2015 e 2023.

4.2.1 O acordo de contingência de reservas

Tratando do Arranjo de Contingentes de Reservas, podemos estabelecer uma balança avaliativa do modelo conforme expressa Ribeiro & Maringoni (2019), em que embora houvesse um ceticismo em relação ao aporte pequeno do ACR, onde os US\$100 Bilhões representavam meros 2% das então reservas de US\$ 5 Trilhões que os membros possuíam individualmente somados, sendo que se o bloco se comprometesse a disponibilizar por volta de 15% das reservas totais mencionadas, o valor ultrapassaria aquele empenhado pelo FMI, assim podendo se tornar mais atrativo e podendo ser agregado por outros países. Entretanto, há ainda outro detalhe incluso no Arranjo que pode justificar isso não ter acontecido, que é a vinculação e as condicionalidades atreladas ao FMI, entendendo-se assim não como uma nova forma de empréstimo financeiro, mas sim como um braço do FMI sob supervisão dos BRICS.

Pesando para o lado positivo da balança é importante compreender a aplicação do ACR na liquidez dos países quando necessário, servindo como outra oportunidade de empréstimos fora do FMI que poderia facilitar sua liberação com base na boa política dos BRICS. E para o lado do próprio bloco é claro, o Arranjo, embora não totalmente expressivo e revolucionário, serviu para mostrar que o bloco possuía capacidades de criar suas próprias ferramentas na área das IFI e pode ter servido como um orientador sobre como se estruturaria no NBD, conforme entende Eichengreen:

Lá se vai a ideia do ACR como alternativa ao FMI. E, se a inclusão dessas provisões não for reveladora o suficiente, então há também o fato de que os compromissos do BRICS com o ACR se expressam em dólares americanos. O NBD faz sentido para o BRICS e tem futuro. Mas o ACR é um simbolismo vazio, e é assim que será lembrado. (EICHENGREEN, 2014 apud Ribeiro & Maringoni, 2019, tradução nossa)

4.2.2 O Novo Banco de desenvolvimento

Para o NBD, ficou claro que a principal iniciativa para a sua criação era aproximar mais ainda os países do BRICS em seus investimentos e servir como forma de contornar outras instituições internacionais de financiamento à infraestrutura e outros projetos que detinham predominância Norte-Americana ou Europeia. Embora, o banco não fizesse diretamente frente a essas outras instituições visto que os países membros do Bloco também fazem parte do FMI e do Banco Mundial e possuem investimentos dentro de ambos (Raminelli, 2019).

Outro ponto chave para do NBD era o momento individual que cada país do bloco estava passando naquele momento, com a Índia e a China experienciando um crescimento rápido, com a primeira centralizando boa parte das empresas de serviços on-line do mundo¹⁵ e a segunda colocando em prática o que se tornaria conhecido como a Nova Rota da Seda e se tornando a maior exportadora de produtos industrializados do mundo.

A África do Sul, embora não estivesse em crise, não seguia o movimento de suas outras duas companheiras de bloco mais ao leste, visto que boa parte dos investimentos aportados no Continente Africano eram em injetados pela China ao invés do que acontecia nas outras duas que recebiam o investimento de diversas partes do mundo.

O Brasil e a Rússia, por outro lado, se encontravam em situação mais delicada devido a crises econômicas internas e outros fatores como a Guerra da Criméia¹⁶. A crise econômica no Brasil se inicia a partir de 2013 e intensifica-se em 2014. Enquanto a Rússia acaba por sofrer de uma estagnação estrutural depois de uma rápida aceleração econômica vivida no começo dos anos 2000¹⁷.

Portanto, é válido afirmar que o NBD serviria de múltiplos interesses aos membros do bloco:

[...]Ora, isso tem relação direta com a situação de crescimento econômico negativo de Brasil e Rússia naquele momento: para o Brasil, o NDB deveria favorecer investimentos nas áreas de energia e infraestrutura, já a Rússia via no NDB a grande oportunidade de atrair o capital chinês. Além disso, foi apresentada na cúpula a proposta de cooperação entre o NDB e o recém-criado Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII)⁵ – o que seria importante no financiamento dos projetos de infraestrutura vinculados à Nova Rota da Seda[...]. Assim, apesar do BAII ter, em alguma medida, eclipsado a importância do NDB, isto pode significar, nos médio e longo prazos, menor concorrência e, consequentemente, maior disponibilidade de recursos do NDB para Brasil e África do Sul. (Ramos et al., 2018)

¹⁵ De acordo com o site Statista, o mercado de comércio digital da Índia cresceu de US\$14 bilhões em 2014 para US\$123 bilhões em 2024, representado um crescimento de mais de 800%.

¹⁶ O Conflito iniciado em 2014 se prorrogou até em 2022 quando atingiu um nível maior com a guerra russo-ucraniana que dura até o momento.

¹⁷ A principal causa da estagnação foi o desincentivo econômico por parte do Estado Russo e alguns dos maiores empresários do país.

Cabe ainda fazermos alguns apontamentos sobre o presente e a visão de futuro do NBD, apenas margeando alguns dos pontos que tenham mais relevância com o restante do material a ser desenvolvido nesta monografia.

Nesta perspectiva, a VIª Cúpula do BRICS, que foi a responsável pela criação do NBD, tinha como a temática “Crescimento Inclusivo: Soluções Sustentáveis”. Isso porque, a partir do início da década de 2010, deu-se início a uma série de medidas e projetos voltados a sustentabilidade e meio ambiente, onde podemos destacar como principal avanço na esfera internacional, o Acordo de Paris, celebrado em 2015¹⁸. Além da expansão do uso de energias renováveis e meios de transporte menos poluentes. E é nesse contexto que o NBD emerge, se instituindo para buscar investimentos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável nos BRICS e em outras economias emergentes¹⁹, iniciando suas operações em 2016 com a sede localizada em Xangai, na China²⁰. (Ribeiro & Maringoni, 2019)

Como a intenção do banco era de ser uma outra opção de financiamento aos países que necessitavam de investimentos, todos os membros das Nações Unidas poderiam solicitar uma participação junto ao banco, a qual deveria ser aprovada pelos membros fundadores. E não apenas países, mas instituições financeiras diversas poderiam fazer parte também, como no caso dos bancos de desenvolvimento nacionais (Rodrigues de Sá, 2022). Ainda, foram instituídas medidas para que o poder de decisão do banco não ficasse limitado a apenas uma ou duas nações que tivessem maior aporte financeiro, no que se classifica como “os não tomadores de recurso”, sendo a Índia a principal proponente de um modelo de voto equitativo, a partir do qual todos os membros possuísem o mesmo poder na tomada de decisões²¹.

Ademais, o banco permitia ao seu devedor a realização do financiamento em moeda local do país onde o projeto seria realizado, contato que seja estabelecido uma responsabilidade monetária²². Essa opção é importante pois assim o banco não fica dependente apenas de circular o dólar como sua moeda de financiamento ou pagamento. (Ribeiro & Maringoni, 2019)

¹⁸ Em 2017 os BRICS anunciaram uma estrutura conjunta para abordar os objetivos do Acordo de Paris, influenciando suas operações e métricas para avaliar suas respectivas contribuições para a adaptação e mitigação das mudanças climáticas

¹⁹ Durante a criação do NBD a Índia propôs que o banco fosse restrito aos países BRICS. A China, entretanto, propôs que o banco deveria ser mais amplo, focando nos países em desenvolvimento, proposta essa que venceu.

²⁰ Por fim, a Índia conquistou a presidência dos cinco primeiros anos da instituição, enquanto a China conseguiu que o banco fosse fisicamente constituído em Xangai. Atualmente, o NBD possui um escritório na África do Sul, dois escritórios no Brasil, sendo um em São Paulo e outro em Brasília, além de um escritório regional da Eurásia em Moscou. E a presidência é exercida pela ex-presidente do Brasil Dilma Rousseff.

²¹ Foi determinado que 55% dos votos devem pertencer aos países-fundadores, dessa forma é necessário o apoio deles para quaisquer mudanças a serem realizadas no NBD.

²² Essa responsabilidade monetária seria parte do acordo que estabelecia a questão do regime cambial entre as moedas usadas entre o Banco e o devedor.

O Banco possui uma série de processos para avaliar a disponibilidade dos projetos. Além dos pontos citados acima, o PIB do país é peça central na avaliação do crescimento econômico, ponto comum entre outras IFI. Outro ponto que destaca a parte voltada à sustentabilidade se faz na meta instituída de 2/3 do financiamento para projetos que gerem impactos positivos para a sociedade e o meio ambiente²³, além de mitigar impactos futuros.

Já o NBD é responsável por elaborar uma triagem de cada projeto para atribuir uma categoria a ele, que pode ser: (a) Categoria A, quando o projeto possui impactos ambientais e sociais significativos que são irreversíveis, diversos ou sem precedentes; (b) Categoria B, quando os impactos são menos adversos do que os da Categoria A; e (c) Categoria C, quando o projeto possui mínimo ou nenhum impacto ambiental. (Rodrigues de Sá, 2022)

Como complementação, o Banco adota também o sistema conhecido como Country Systems (sistema de países), fazendo uso da legislação, regulamentação e procedimentos do país em questão ao invés de salvaguardas internacionais²⁴, criando uma relação de respeito entre o país e a instituição. (Rodrigues de Sá, 2022)

²³ Projetos neste setor incluem geradores de energia renovável nas suas diferentes formas, transportes elétricos, captura e armazenamento de carbono (CCS) e eliminação de combustíveis fósseis.

²⁴ Essa medida permite que o banco e o devedor tenham maior responsabilidade pela dívida e facilita as decisões na hora do financiamento.

5 BREVE RETROSPECTO DAS CÚPULAS E PROJETOS (2015-2023)

Como estabelecido desde o início da formação do bloco, os BRICS possuem Cúpulas Anuais para se encontrarem para debate e posicionamento nas diversas esferas internacionais. A tabela a seguir dispõe de um resumo das últimas nove Declarações das Cúpulas Anuais que compreendem os anos entre 2015 e 2023. Vale destacar que o foco da análise das declarações é baseado em instrumentos, ações ou tópicos que destaquem interesse brasileiro, como no caso de cooperações em áreas diversas e projetos em território nacional, por exemplo.

Após a apresentação, se seguirá o processo de avaliação dos investimentos e resultados ao Brasil ao longo da década disposta para análise (2014-2024), contendo a elaboração de gráficos e outros apontamentos de quais foram os resultados.

Quadro 1 – Resumo das Cúpulas Anuais do BRICS (2015-2023)

LOCAL	RESUMO
VIIª Cúpula Rússia 2015	Sob o tema “Estratégia para uma Parceria Econômica do BRICS”, deu continuidade ao processo de formulação e implementação do ACR e do NBD, e a continuação às críticas sobre as IFI vigentes e a então falta de reforma até aquele ano.
VIIIª Cúpula Índia 2016	Os BRICS retornam com o diálogo da multipolaridade e reiteram que a ONU e suas instituições necessitam de reformas para equilíbrio de poder, como é o caso da reforma do CSNU. Deve ainda menção a assinatura do Memorando de Entendimento para o Estabelecimento de uma Plataforma de Pesquisa Agrícola do BRICS e a criação de um Comitê de Cooperação Alfandegária do BRICS que intensifica a aproximação comercial entre os países.
IXª Cúpula China 2017	Marcada pela assinatura de acordos envolvendo cooperação para inovação, cooperação aduaneira e estabelecimento do Conselho Empresarial do BRICS e o NBD, que auxiliaria a participação da iniciativa privada nos financiamentos do banco internacional. O NBD também se expandiu, tendo um novo escritório inaugurado na África do Sul, representando que a instituição estava cada vez mais alinhada com o conjunto do bloco.
Xª Cúpula África do Sul 2018	É formalizado um novo escritório do NBD, desta vez no continente americano a ser sediado em São Paulo. Foram firmados também o Memorando de Entendimento Sobre a Parceria em Aviação Regional e a criação da plataforma da Rede de Inovação do bloco, a iBRICS.

XIª Cúpula Brasil 2019	Retomada de discussões sobre combate a corrupção no setor público; compromisso com o Acordo de Paris e a reforma das instituições da ONU, em principal o CSNU.
XIIª Cúpula Rússia 2020	Fica assinado o documento “Estratégia para a Parceria Econômica do BRICS 2025” que valoriza a aproximação nas áreas de comércio, finanças, investimentos, economia digital e desenvolvimento sustentável.
XIIIª Cúpula Índia 2021	Celebrado o Acordo de Cooperação do BRICS na Constelação de Satélite de Sensoriamento Remoto e o lançamento da Plataforma de Pesquisa Agrícola BRICS estabelecida em 2016 e da Aliança BRICS para o Turismo Verde. Inauguração do Fórum sobre Participação da Nova Revolução Industrial entre os BRICS.
XIVª Cúpula China 2022	Firmado acordo para inauguração de Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Vacinas do BRICS na Índia e proposta de elaboração de Think Tank conjunto do BRICS com base em Think Tanks nacionais. Entrada de novos membros ao NBD. Criação do Fórum de Urbanização dos BRICS para aproximação das esferas da sociedade entre os países membros.
XVª Cúpula África do Sul 2023	Lançamento de escritório regional do NDB na Índia e entrada de novos membros no NBD. Estabelecimento de um Grupo de Trabalho do BRICS sobre Medicina Nuclear para expandir a cooperação nesta área. Convite para participação do bloco estendido a mais países, cria-se o BRICS+ a partir de 2024.

Fonte: Elaboração Própria a partir das Declarações Oficiais assim como material de (Rodrigues de Sá, 2022); (Ramos et. al, 2018).

6 BENEFÍCIOS AO BRASIL (2014-2024)

Como membro fundador do bloco, o Brasil obteve benefícios diversos ao longo dos anos da existência do BRICS, especialmente aqueles voltados para a cooperação em pesquisa e projetos de infraestrutura. Assim, faremos uma análise com a apresentação de alguns dos principais pontos positivos que o país recebeu ao longo dessa última década fazendo parte do bloco. As áreas de elaboração e pesquisa foram divididas entre Agricultura, Comércio, Indústria, Infraestrutura, como propomos na metodologia.

As 4 partes escolhidas para análise foram definidas a partir dos principais pontos expressados junto as Cúpulas dos BRICS ocorridas ao longo dos anos, determinando-se principalmente nas áreas que mais aproximavam os países como a questão do comércio, desenvolvimento e outras parcerias, buscando caracterizar um crescimento conjunto.

Devido ao alinhamento brasileiro com o bloco e também ao retrospecto da política-comercial com esses países, o ponto principal é o comércio, especialmente do agronegócio do qual é a principal mercadoria exportada pelo Brasil a esses países.

Outras áreas almejadas da parceria por parte do Brasil eram os investimentos diretos, caracterizados por projetos obras como aqueles de infraestrutura fomentados pelo NBD. Ademais, a capacidade de intercâmbio de alto nível, bem como possíveis transferências de tecnologia fazem parte da visão brasileira.

6.1. Principais áreas e resultados

Como afirmado, as áreas e resultados serão apresentados especificamente para cada uma das partes previamente determinadas de análise. Dessa forma, haverá uma breve apresentação sobre cada uma delas.

Outras formas de análise de resultados podem ser obtidas diretamente a partir do aparato econômico e bilateral como apresentado ao longo do Capítulo 3 deste estudo.

6.1.1 Agricultura

A agricultura tem sido aspecto chave para economia brasileira ao menos desde meados do século XX como no caso da indústria do café. Na atualidade, os principais produtos que assumem esse papel são a soja, a cana de açúcar (matéria-prima na produção do açúcar e do álcool) e as matérias-primas de origem animal como o caso da carne bovina, suína e de aves

como exposto na figura a seguir que mostra as principais exportações agrícolas de 2023 e 2024.

Figura 3 – Ranking de Exportações Agrícolas Brasileiras em 2023 e 2024

	Agronegócio Exportação			
	2023		2024	
	Valor(US\$)	Participação %	Valor(US\$)	Participação %
COMPLEXO SOJA	67.250.144.617	40,39%	50.326.321.625	35,94%
CARNES	23.511.140.522	14,12%	21.485.159.742	15,34%
COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO	17.383.569.963	10,44%	16.599.210.299	11,86%

Fonte: AgroStat

Apesar da dependência da produção agrícola, o Brasil tem buscado variar suas exportações, sendo elas dentro do próprio agronegócio ou fora dele. Isso se dá especialmente pelas complicações do comércio internacional causado pela dependência de commodities como já citado e também na variação dos clientes e suas demandas nesse comércio internacional (sendo isso comprovado até mesmo dentro dos BRICS, vide figura 2).

Figura 4 – Comparativo da Oscilação da Exportação Agrícola Brasileira (2018-2023)

Países	Código ISIC Divisão	Descrição ISIC Divisão	2023 - Valor US\$ FOB	2022 - Valor US\$ FOB	2021 - Valor US\$ FOB	2020 - Valor US\$ FOB	2019 - Valor US\$ FOB	2018 - Valor US\$ FOB
China	01	Produção vegetal, animal e caça	44.350.001.034	33.274.435.122	28.249.280.928	21.957.595.575	21.313.317.413	27.814.541.466
Rússia	01	Produção vegetal, animal e caça	745.053.170	1.007.390.346	508.803.175	522.461.762	456.984.313	533.396.757
Índia	01	Produção vegetal, animal e caça	194.301.481	163.730.152	152.612.593	82.181.434	140.241.151	56.610.146
Índia	02	Silvicultura e exploração madeireira	49.709.318	25.992.775	36.081.499	31.543.840	40.106.097	38.499.072
África do Sul	01	Produção vegetal, animal e caça	48.134.510	119.685.659	26.945.908	48.839.773	36.727.001	10.189.375
China	02	Silvicultura e exploração madeireira	37.104.399	66.325.108	127.779.597	56.624.113	37.274.617	17.421.874
China	03	Pesca e Aquicultura	1.041.878	676.938	2.021.010	738.675	1.548.238	1.206.040

Fonte: ComexStat

Com relação ao BRICS, a agricultura teve bons resultados em diferentes frentes como no comércio, pesquisa, inovação e relevância internacional. Com o principal destaque conjunto do bloco sendo a criação da Plataforma de Pesquisa Agrícola dos BRICS, e do seu polo inaugurado na Índia em 2021, permitindo que os países que estão entre os maiores produtores de produtos agrícolas do mundo, pudessem estreitar os laços de cooperação na pesquisa e inovação da área da agricultura.

Esse projeto é ainda resultado de longas discussões nas Cúpulas voltados à área da agricultura, que se intensificaram depois da declaração sobre a segurança alimentar global na Iª Cúpula Anual do grupo em 2009. E, cabe salientar, que a partir do ano seguinte, ocorre o 1º Encontro entre os Ministros da Agricultura e áreas equivalentes dos BRICS, antecedendo a IIª Cúpula Anual que viria a ocorrer também naquele ano.

6.1.1.1 Planos Agrícolas do BRICS

Ao final do ano de 2011, quando ocorre o IIº Encontro, fica elaborado um plano quinquenal entre 2012 e 2016²⁵ para fortalecer a cooperação agrícola dos BRICS. Este plano consistia em dividir o grupo em 5 áreas de ação conectadas, mas distintas, com cada um dos membros ficando responsável pela liderança de uma delas.

Destaca-se aqui o papel do Brasil que ficou responsável pela elaboração de estratégias para a garantia de alimentos à população mais vulnerável, a Índia e a China que tiveram papel na organização estrutural e informacional respectivamente do grupo sobre agricultura e Rússia e África do Sul que expandiram o diálogo e o plano de ação sobre as mudanças climáticas nos termos da agricultura.

Os resultados principais desse plano foram o relatório divulgado no ano de 2016 junto à FAO que centralizou os BRICS como os países a terem a liderança em potencial no combate a fome, a ação positiva na aprovação do Acordo de Paris em 2015 com a assinatura de todos os membros do BRICS, a implementação do Sistema de Troca de Informação de Agricultura Básica (BAIES)²⁶ e o anúncio da plataforma de pesquisa agrícola do BRICS feito em 2016.

²⁵ Disponível em: <<http://www.brics.utoronto.ca/docs/111030-agriculture-plan.html>>
Acesso em: 25 set, 2024.

²⁶ É uma iniciativa destinada a promover a colaboração entre os países membros na área de agricultura. Criado para melhorar a segurança alimentar e a sustentabilidade no setor agrícola, o sistema facilita o compartilhamento de dados e informações essenciais sobre produção agrícola, técnicas de cultivo, práticas sustentáveis, políticas agrícolas e outros aspectos relacionados à segurança alimentar.

Durante o ano de 2016 ocorreu o VIº Encontro, que estipulou a continuidade dos trabalhos dos BRICS na Agricultura e aproximou as propostas do bloco junto à Agenda 2030 da ONU, especialmente sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que tratavam sobre desigualdade e solução de problemas básicos. Ainda no ano de 2019, durante o IXº Encontro, ficou acordado entre os membros o investimento em “agritech startups”, empresas especializadas em tecnologia agrária que estariam surgindo no mercado e poderiam receber investimentos para crescer e desenvolver inovações para o campo.

O XIº Encontro realizado em 2021, lançou o novo plano de quatro anos dos BRICS para a Agricultura, visando os impactos causados pela pandemia de COVID-19, que resultou no encolhimento do comércio internacional de commodities e como desdobramento, no agravamento da crise da fome no mundo, assim, a importância para que a produção agrícola esteja sempre garantida foi palco fundamental para nortear as ações do bloco.

6.1.1.2. Outras ações alcançadas

A inauguração do espaço físico do centro da Plataforma de Pesquisa Agrícola do BRICS²⁷ em Nova Déli também foi destaque, permitindo que os grupos de pesquisa tivessem um espaço dedicado aos trabalhos. Assim, permitindo que algumas das principais nações produtoras de alimento do mundo pudessem trabalhar em conjunto. Destacando objetivos como: segurança alimentar, desenvolvimento agrícola sustentável e a melhoria da pobreza a partir da cooperação, sendo esses objetivos possibilitados pela capacidade de transferência de tecnologia e compartilhamento de informações científicas.

O papel de protagonismo dos BRICS, e com destaque aqui ao papel do Brasil, trouxe benefícios de investimento direto no país também, sendo que dos membros do BRICS, o Brasil é o líder em receber investimentos internacionais na área agrícola, contando com quase US\$ 700 Milhões de investimento, enquanto a China lidera o bloco como maior investidora (Vartanyan, 2024). O Brasil também se destaca sendo o 3º país que mais investe em pesquisa e desenvolvimento agrícola no mundo, estando apenas atrás da China e EUA. Totalizando ainda junto com a China e a Índia, 15% de todo o valor mundial investido na área sendo por volta de US\$ 70 Bilhões (Vartanyan, 2024).

²⁷ Disponível em: <<https://brics2023.gov.za/wp-content/uploads/2023/07/Memorandum-of-Understanding-for-Establishment-of-BRICS-Agricultural-Research-Platform.pdf>>
Acesso em: 19 set, 2024.

O protagonismo brasileiro na questão alimentar no mundo também teve destaque na ONU, com o anúncio por parte do Fundo de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) da Organização em um novo investimento no valor de US\$ 900 Milhões ao Brasil voltado a produção e assistência a agricultura familiar na região do Nordeste (Ribeiro, 2023).

Ainda para 2024 o Brasil buscou expandir sua ação agrícola-comercial junto ao BRICS, como no exemplo da apresentação do Plano ABC²⁸ e do Programa Nacional de Conversão de Pastagens Degradadas em áreas agricultáveis durante o XIVº Encontro (MAPA, 2024) e a confirmação de que o país irá dispor de novos representantes da área para cada um dos países membros do BRICS, incluindo novos integrantes (Faverin, 2024).

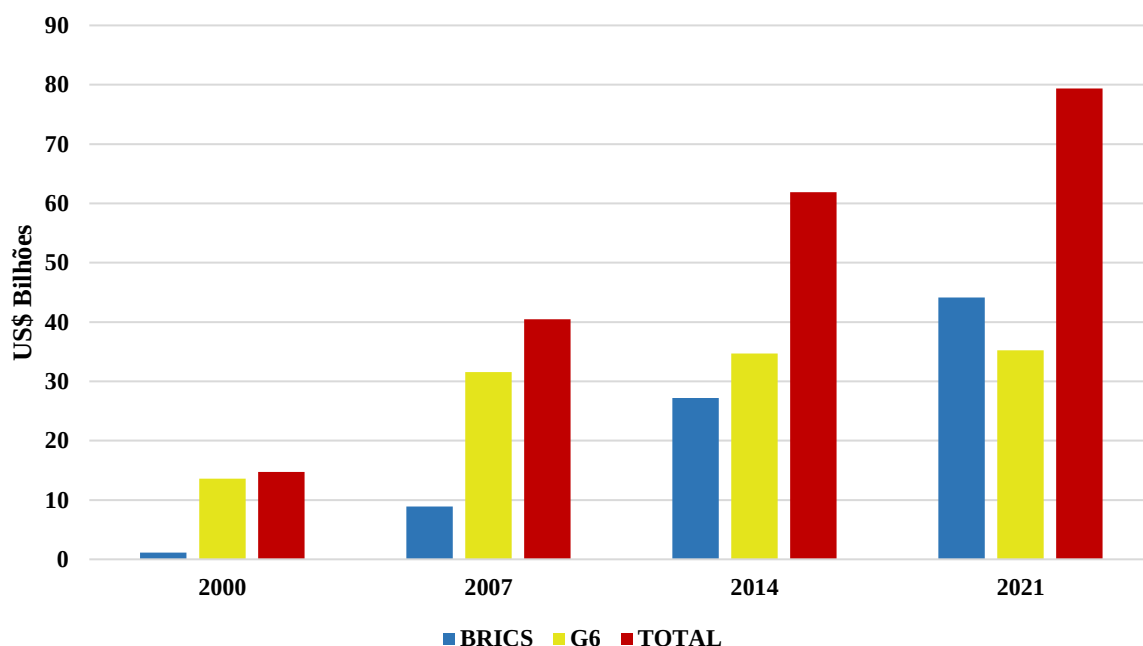
6.1.1.3 Resultados no agronegócio

Em questão da exportação agrícola, o Gráfico 12 demonstra a participação conjunta dos membros do BRICS junto as exportações do agronegócio brasileiro em 4 períodos diferentes em comparação a outros países que compõem os 10 principais destinos dessa área da exportação²⁹. Para 2021, as exportações para os membros do BRICS ultrapassaram a soma em comparação aos outros 6 países, e embora isso se deva a China como se apresenta a seguir, representa uma visão de que a exportação agrícola brasileira tem a prospectiva de não possuir mais tanta dependência de mercado mais sensíveis a embargos e taxas como os EUA e a UE.

²⁸ O Plano ABC, que significa Agricultura de Baixo Carbono no Brasil é uma iniciativa lançada pelo governo brasileiro em 2010 com o objetivo de promover a agricultura de baixo carbono. O plano visa incentivar a adoção de práticas agrícolas sustentáveis que contribuam para a redução das emissões de gases de efeito estufa no setor agropecuário, ao mesmo tempo em que promove o aumento da produtividade no campo.

²⁹ Através de uma análise pela plataforma foi escolhido outros destinos de exportação com base no histórico dos 4 períodos analisados, sendo os outros 6 destinos considerados: EUA, Irã, Japão, Coreia do Sul, Reino Unido e UE 27 (União Européia) Fonte: Agrostat - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro

Gráfico 12 – Comparativo exportação BRICS-G6 dos 10 maiores importadores (2000-2021)



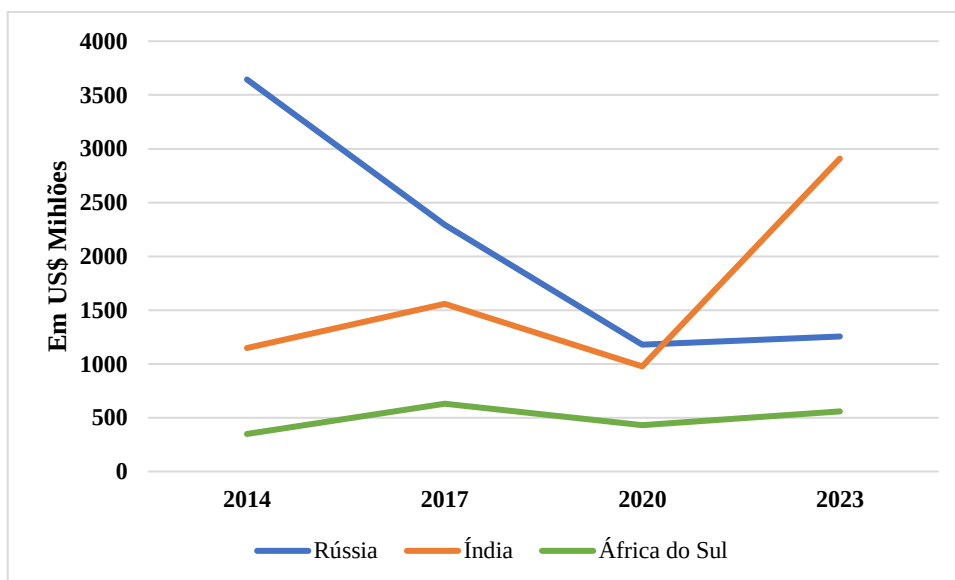
Fonte: Elaborado apartir de dados do sistema ComexStat

Ainda sobre a exportação do agronegócio, o Gráfico 13 demonstra a série de exportação para Rússia, Índia e África do Sul ao longo do período. A queda das exportações para a Rússia entre 2014-2020 e para a Índia entre 2017-2020 podem ser explicadas pelos seguintes pontos:

I. A Rússia a partir de 2015 atinge autossuficiência na produção de carne de aves (Seixas, 2018), fazendo com que no período 2014-2017 as exportações de carne do Brasil ao país caíssem em mais de 46% e seguisse caindo em períodos seguintes; II. A exportação sucroalcooleira também foi prejudicada já que no mesmo período a Rússia aumento em grande número de hectares a sua produção de beterrabas para produção de açúcar e tirando a necessidade da cana-de-açúcar brasileira (CANAONLINE, 2019). No caso da Índia, a queda foi causada especialmente pelo aumento na produção local de café e redução de importação de cacau.

Entretanto para ambos os países houve aumentos em outros produtos como no caso da Índia com o chá, o cereal e outros produtos de origem vegetal, enquanto a Rússia aumentou a importação de Soja entre 2014-2017, em 33%.

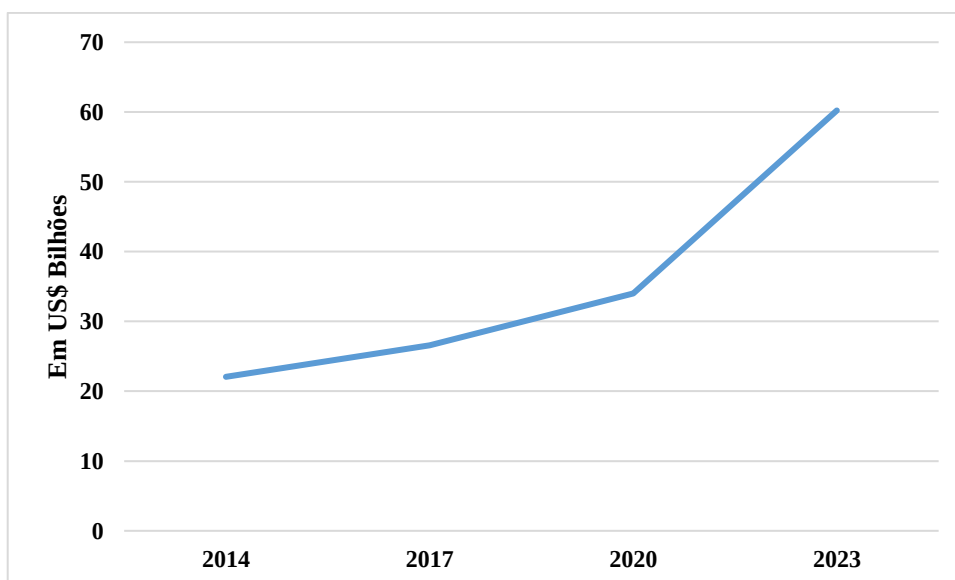
Gráfico 13 – Comparação de exportação entre Rússia, Índia e África do Sul (2014-2023)



Fonte: Elaborado a partir de dados do sistema ComexStat

Por fim o Gráfico 14 demonstra a exportação do agronegócio brasileiro para a China, que em 2014 se tornou a maior importadora da área, ultrapassando a UE. Destaca-se também que mesmo durante a pandemia, o período quadriênico 2020-2023 viu as exportações duplicarem de valor.

Gráfico 14 – Exportação do agronegócio para a China (2014-2023)



Fonte: Elaborado a partir de dados do sistema ComexStat

6.1.2 Comércio

Por parte do comércio, a aproximação brasileira do bloco também permitiu uma diversificação nas importações brasileiras, assim como a facilitação delas a partir de acordos e tratados diversos. Estes que se iniciaram dentro da organização desde sua criação e foram se intensificando conforme o bloco ganhava mais destaque no cenário internacional.

Para o ano de 2024 em diante, com a expansão do bloco, o comércio pode se intensificar também em áreas sensíveis, considerando que a partir de um relatório independente, o bloco agora tem domínio sobre 72% dos minerais de terras raras e 42% das reservas de petróleo do mundo (Yazbek, 2023).

6.1.2.1 Avanços institucionais

Durante o ano que antecede a primeira cúpula do bloco, os representantes das áreas financeiras dos países se encontraram para discussão, voltada para a aproximação e facilitação nas questões cambiais entre os países. Durante o ano da IIIª Cúpula também ocorreu o primeiro encontro entre os representantes do comércio que elaboram, até o ano de 2013, um primeiro enquadramento para as ações conjuntas, bem como divulgaram, em 2015, a Estratégia da Parceria Econômica dos BRICS, a qual estabeleceu os pontos de parceria do bloco até 2020. Por fim, em 2020, durante o Xº Encontro, foi lançada a Estratégia da Parceria Econômica dos BRICS 2025, que segue maciçamente os objetivos da anterior, entretanto incluindo agora mais aspectos do desenvolvimento sustentável, questões sociais como o incentivo aos micros, pequenos e médios empreendedores para participarem do comércio multilateral no âmbito do bloco.

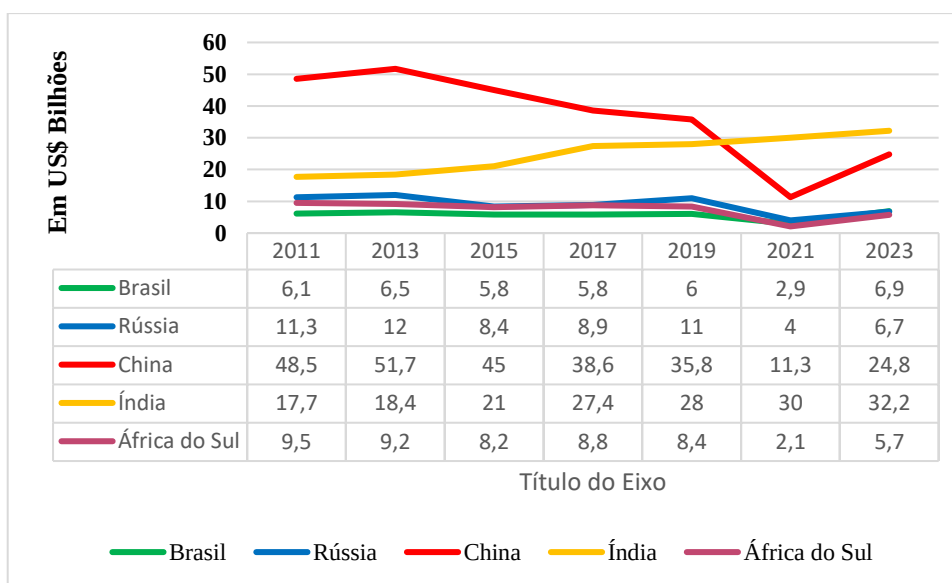
Outro destaque também foi as questões de taxas e tarifas alfandegárias, as quais foram facilitadas entre os membros do grupo graças a promoção dos encontros anuais dos responsáveis das áreas de cada país nos encontros de especialistas em taxas. Este processo vinha ocorrendo desde 2013, mas, em 2022, alcançou outro patamar com a participação de membros da ONU e do FMI durante o aniversário de 10 anos da cooperação de taxas entre os 5 países (BRICS, 2024). Também como citado no Capítulo 4, os BRICS tiveram resultado dentro de outras Organizações Internacionais como na Reforma de 2015 do FMI.

6.1.2.2 Turismo

O Projeto de Turismo Verde celebrado pelo bloco em 2021 também tem valor dentro do comércio devido a grande circulação de pessoas entre os países, e a garantia de que o turismo

também seja ambientalmente saudável, permite maior arrecadação de recursos. E embora o Brasil não esteja no Top 10 de nenhum dos países do BRICS (isto se deve muito provavelmente por conta da distância), o impacto do Turismo Verde pode já estar demonstrando resultados como apresenta o Gráfico 15.

Gráfico 15 – Receita com turismo em US\$ Bilhões por país (2011-2023)



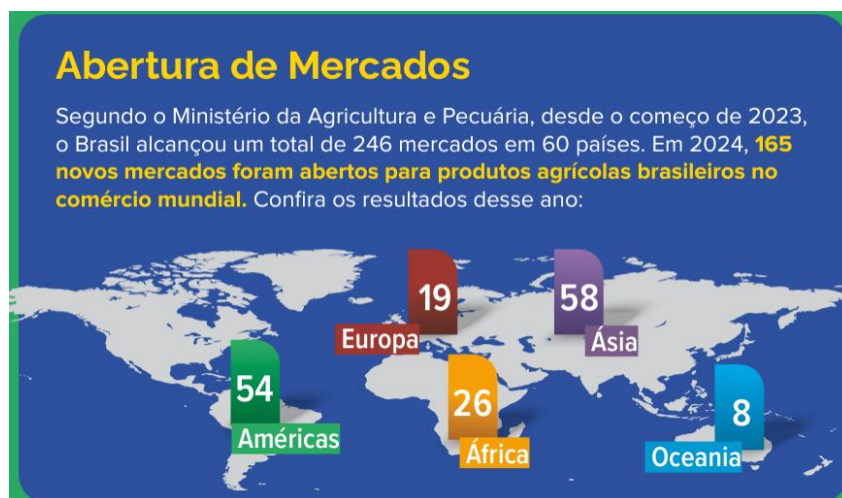
Fonte: Elaborado apartir de dados do UNTourism

Para o Brasil, Rússia e África do Sul, embora tenham perdido uma parte considerável de sua receita de turismo pela pandemia, o crescimento voltou apartir de 2022 de maneira conjunta. Para a China a queda se faz mais notável, embora já estivesse ocorrendo em um momento pré-pandemia, porém retorna crescimento muito favorável de 2022 em diante. E o destaque vai para a Índia que mesmo durante o período de pandemia conseguiu manter sua receita de turismo internacional e também demonstra crescimento junto aos outros países do Bloco nos últimos 2 anos.

6.1.2.3. Outras oportunidades comerciais

O Brasil também tem perspectiva de novos mercados, seja para novos produtos a serem desenvolvidos ou clientes para prospectar para esses novos produtos ou produtos já existentes.

Figura 5 – Abertura de Mercados do Brasil entre 2023 e 2024



Fonte: APEXBRASIL, 2024

De acordo com a APEXBRASIL, até setembro de 2024 o Brasil alcançou ao menos 165 novos mercados, tendo destaque a Ásia com 58 (região que concentra 3 dos países do BRICS) e a África que cresce em ritmo acelerado, sendo que a exportação para a região entre 2023 e 2024 aumentou em quase 23%, chegando a US\$ 11,8b. Nesse período, 24 desses novos mercados foram abertos em países do BRICS e ao menos 50% dos mercados restantes em países parceiros do BRICS (MAPA, 2024). O destaque também vai para o Oriente Médio que cresceu no período de um ano 23,5%, chegando a US\$13,5 bilhões de exportação (APEXBRASIL, 2024)

Outro ponto de investimento que o Brasil tem recebido atenção do comércio é para a transição energética³⁰ e a biossocioeconomia³¹, com o país ocupando atualmente a 6ª posição no Ranking de países que mais recebe investimento na questão energética vide Anexo A. Estão inclusos também entre esses países, a China que lidera o ranking e a Índia que está em 9ª posição. E para a biossocioeconomia, é especulado um mercado de US\$2,5b por ano apenas da Amazônia e podendo chegar até US\$ 8,1b em 2050. (APEXBRASIL, 2024)

6.1.2.4 Importação e Exportação do Brasil

A seguir, apresentamos alguns gráficos que demonstram a relação comercial brasileira ao longo do recorte de 2014-2024 junto aos países do BRICS. A análise está separada por país

³⁰ Este aspecto também será tratado na seção referente a Infraestrutura e o papel do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD)

³¹ Pode ser entendida como o modelo de geração de renda que, além de priorizar a preservação dos recursos naturais do planeta, busca realizar a dignidade humana das populações locais.

do bloco e considera os aspectos do histórico de importação e exportação no primeiro gráfico de cada país e no segundo gráfico uma relação entre o principal produto de exportação (PPE) e o principal produto de importação (PPI) com cada país³². Previamente a apresentação, segue dois quadros descritivos e algumas considerações sobre a relação PPEXPPI.

Quadro 2 – Principal Produto Exportado por País

PRINCIPAL PRODUTO EXPORTADO POR PAÍS			
RÚSSIA	BENS DE CONSUMO (BC)	Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente ao consumo doméstico
ÁFRICA DO SUL	BENS INTERMEDIÁRIOS (BI)	Insumos industriais elaborados	Insumos industriais elaborados
ÍNDIA	COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES	Combustíveis e lubrificantes básicos	Combustíveis e lubrificantes básicos
CHINA	BENS INTERMEDIÁRIOS (BI)	Insumos industriais básicos	Insumos industriais básicos

Fonte: Elaborado a partir de dados do sistema ComexStat

³² Não serão considerados os produtos de origem agrícola considerando que eles são os principais exportados e já foram revisados na parte anterior.

Quadro 3 – Principal Produto Importado por País

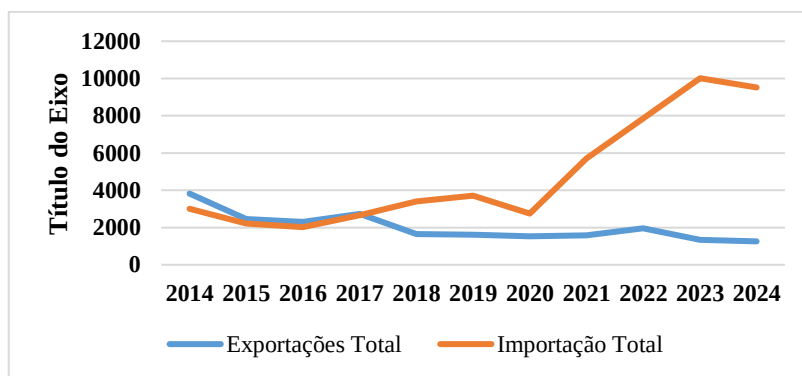
PRINCIPAL PRODUTO IMPORTADO POR PAÍS			
RÚSSIA	BENS INTERMEDIÁRIOS (BI)	Insumos industriais elaborados	Insumos industriais elaborados
ÁFRICA DO SUL	BENS INTERMEDIÁRIOS (BI)	Insumos industriais elaborados	Insumos industriais elaborados
ÍNDIA	BENS INTERMEDIÁRIOS (BI)	Insumos industriais elaborados	Insumos industriais elaborados
CHINA	BENS INTERMEDIÁRIOS (BI)	Insumos industriais elaborados	Insumos industriais elaborados

Fonte: Elaborado a partir dedados do sistema ComexStat

O Quadro referente a exportação mostra que na relação entre os 4 países, o Brasil possui uma certa diversificação no que exporta, considerando que cada um desses produtos está quase sempre na 2º posição dos mais exportados devido ao agronegócio. Em questão das importações, o Brasil ainda tem se mantido um país comprador de bens dos quais não tem capacidade de alto nível industrial para produzir, mas que também são essenciais para outras indústrias, especialmente as de ponta. Dessa forma, o país fica preso em ter esse gargalo para desenvolver outros produtos de valor mais agregado dentro de seu território, tendo a importação dos insumos industriais elaborados como principal produto de compra de todos os membros do bloco.

Para o comércio com a Rússia, embora como apresentado abaixo as exportações tenham enfraquecido, as importações se fortaleceram ao longo dos últimos 4 anos. Atualmente a exportação segue com pouca oscilação, mas ainda sem perspectiva de melhora eficiente.

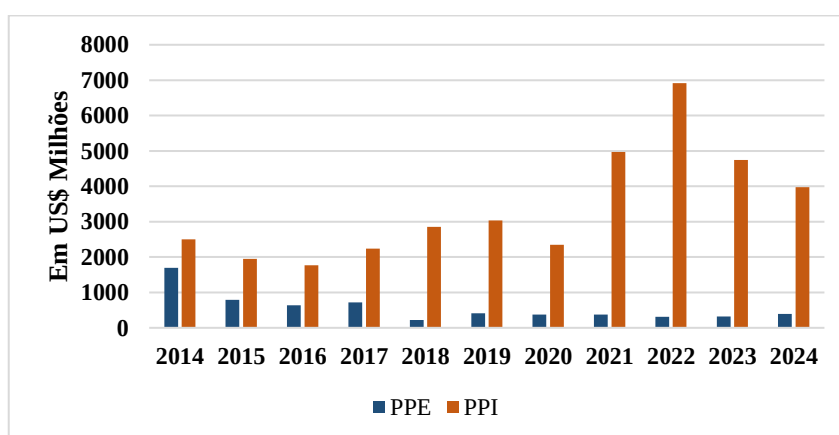
Gráfico 16 – Relação importação/exportação Brasil-Rússia (2014-2024)



Fonte: Elaborado apartir de dados do sistema ComexStat

O Gráfico 17 apresenta a relação PPEXPPI, destacando o aumento expressivo do principal produto importado pelo Brasil do qual são os Insumos Industriais, utilizados como matéria prima básica para os Produtos Industriais Elaborados em detrimento de enfraquecer a principal exportação que são Alimentos e bebidas elaborados para consumo doméstico.

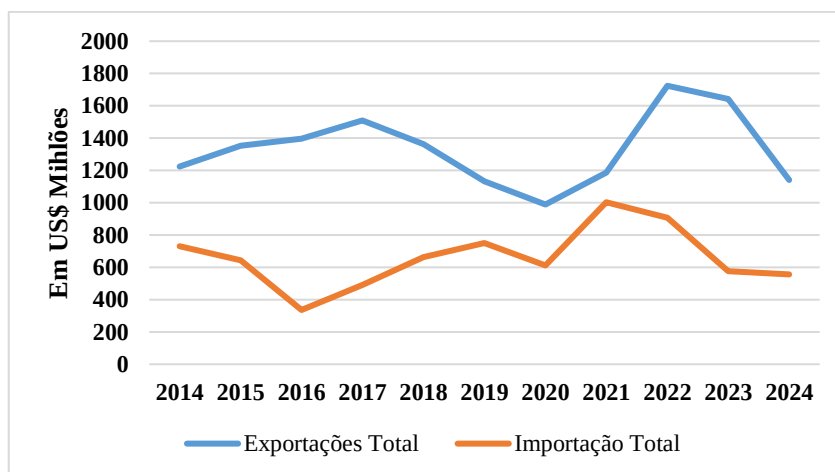
Gráfico 17 – Relação PPEXPPI Brasil-Rússia (2014-2024)



Fonte: Elaborado apartir de dados do sistema ComexStat

No comércio com a África do Sul, a importação e a exportação seguiram linhas bem semelhantes embora, com apenas uma inversão no período 2014-2018. A exportação tem mais destaque atingindo recorde histórico em 2022.

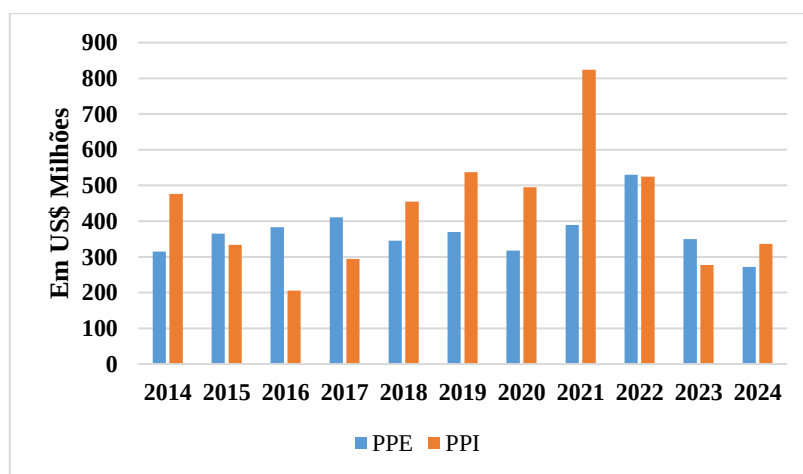
Gráfico 18 – Relação importação/exportação Brasil-África do Sul (2014-2024)



Fonte: Elaborado apartir de dados do sistema ComexStat

A relação PPExPPI se manteve próxima do equilíbrio durante a maior parte da década, somente com uma diferença maior no ano de 2021. Com o país africano o produto comercializado é o principal nas duas áreas sendo os Insumos Industriais Elaborados que são...

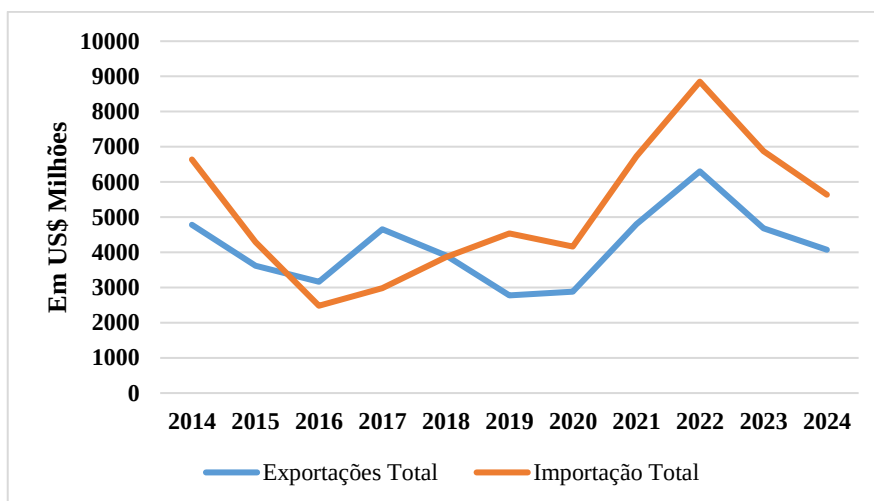
Gráfico 19 – Relação PPExPPI Brasil-África do Sul (2014-2024)



Fonte: Elaborado apartir de dados do sistema ComexStat

O comércio bilateral com a Índia no recorte temporal tem dois destaques, sendo o primeiro entre 2014-2018 onde as linhas se cruzam duas vezes mostrando uma oscilação do comércio quanto aos produtos fornecidos, e o outro período pós 2020 que demonstra um crescimento conjunto das duas áreas embora as importações ainda liderem.

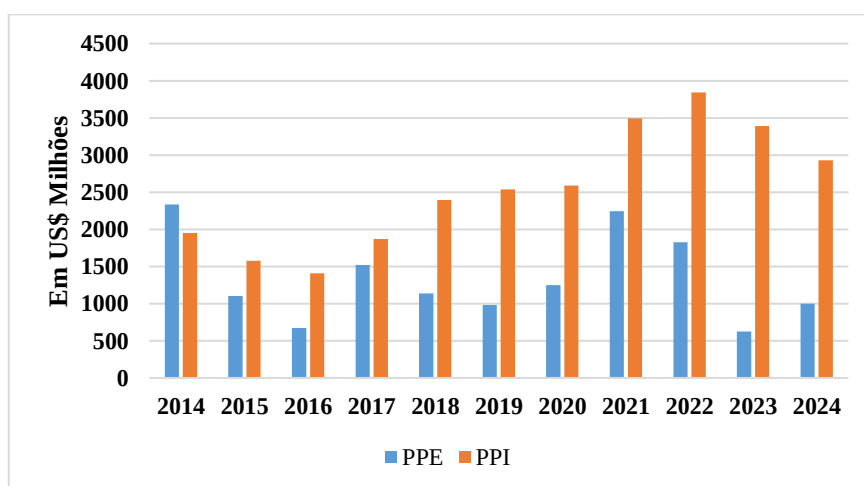
Gráfico 20 – Relação importação/exportação Brasil-Índia (2014-2024)



Fonte: Elaborado apartir de dados do sistema ComexStat

A relação PPExPPI com a Índia é caracterizada primordialmente em uma inversão ao longo da década sendo que em 2014 o Brasil tinha a frente com as exportações de Combustíveis e Lubrificantes e foi sendo superado pelas importações do principal produto que são os Insumos Industriais Elaborados, chegando ao final do recorte onde a relação inverte em mais que o dobro do valor.

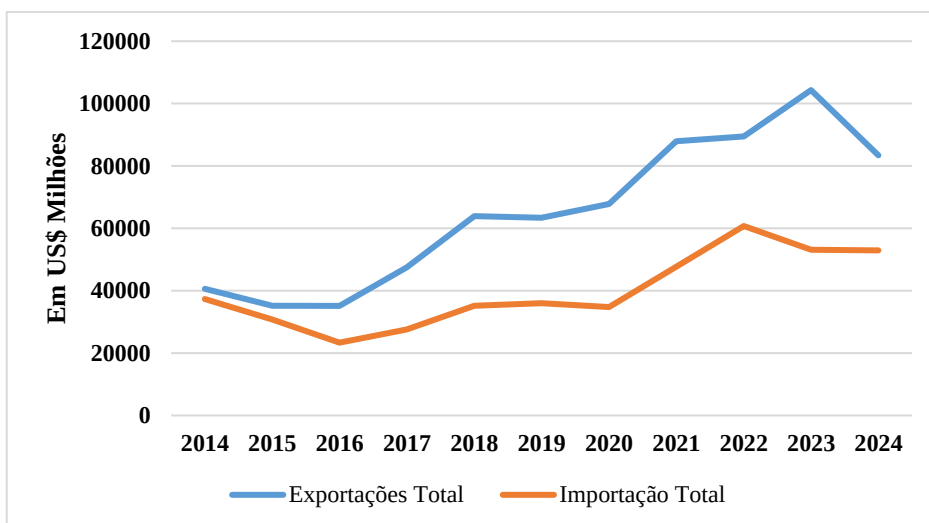
Gráfico 21 – Relação PPExPPI Brasil-Índia (2014-2024)



Fonte: Elaborado apartir de dados do sistema ComexStat

Por fim, com a China, o comércio segue um crescimento saudável, com as exportações tendo liderado por todo período, e com destaque também ao crescimento expressivo da mesma durante o período 2020-2023 que atingiu novos patamares.

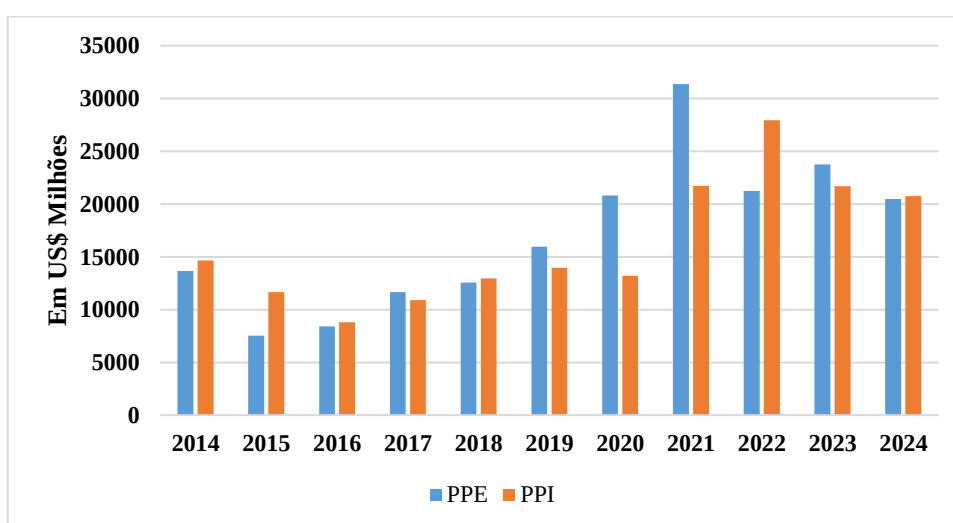
Gráfico 22 – Relação importação/exportação Brasil-China (2014-2024)



Fonte: Elaborado apartir de dados do sistema ComexStat

A China, além de ser o principal parceiro comercial do Brasil, foi dentre os membros do BRICS que teve a relação PPEXPPI mais equilibrada, com a maior diferença acontecendo apenas nos anos em que as exportações realmente foram o foco de comércio, apresentadas anteriormente. Para a exportação o Brasil tem destaque com os Insumos Industriais Básicos e tem como maior importação os Insumos Industriais Elaborados, o que basicamente se entende como uma troca para obter depois um produto melhorado em relação a sua origem, do qual não é produzido no Brasil, ou ao menos não na mesma escala em relação a China.

Gráfico 23 – Relação PPEXPPI Brasil-China (2014-2024)



Fonte: Elaborado apartir de dados do sistema ComexStat

6.1.3 Indústria

Durante o IIIº Encontro de Ministros das Indústrias do BRICS, em 2018, foi acertada a ideia de estabelecer uma nova iniciativa a ser chamada como Parceria da Nova Revolução Industrial dos BRICS (em inglês a sigla nirBRICS), considerando-se o momento para lançar essa que buscava ser a quarta revolução industrial com aspectos principais da digitalização do mundo, as conexões e a ascensão da inteligência artificial, tudo isso através de avanços tecnológicos. E considerando que os BRICS tinham o objetivo de desenvolvimento em comum, esse seria um dos principais pontos de uma futura longa caminhada, sendo que nas próprias palavras do secretário-geral da China, essa seria “a porta de entrada da segunda década dourada dos BRICS”, iniciada ali naquele ano.

No ano seguinte, durante o encontro de Brasília, foram estipuladas as cinco principais áreas que iriam contemplar a nirBRICS: digitalização, industrialização, inovação, inclusão e investimento, sendo que o objetivo final seria estabelecer uma ciência industrial junto a parques tecnológicos³³, centros de inovação e outras oportunidades e a partir do que foi obtido em cada país, possa ser passado a frente junto a outras nações. (nirBRICS, 2023)

Atualmente, embora a pandemia tenha atrasado parte da nirBRICS, no Brasil ela já se expressa em algumas formas como nas questões empresariais, no investimento dos países em novas plantas produtivas no Brasil e no próprio crescimento da indústria brasileira como será apresentado ainda nesta análise sobre a parte industrial.

6.1.3.1 Conselho empresarial do BRICS (Cebrics)

O Cebrics surgiu durante a Vª Cúpula Anual do bloco em 2013, e busca articular a relação empresa-instituição pública dos BRICS em uma dinâmica conjunta entre todos eles. Dessa forma, o conselho é composto tanto pela representatividade empresarial, sendo 5 das principais empresas de cada país e um órgão de representação das indústrias/empresas de cada país. Sendo que no caso do Brasil as empresas são: Vale, WEG, BRF, Banco do Brasil e Embraer e a autarquia é a Confederação Nacional da Indústria (CNI).

³³ São áreas planejadas e organizadas com o objetivo de fomentar a inovação e o desenvolvimento tecnológico, reunindo empresas, universidades, centros de pesquisa e outras entidades voltadas para a pesquisa e o desenvolvimento de novas tecnologias. Esses parques funcionam como ambientes que estimulam a integração entre ciência, tecnologia e indústria, facilitando a transferência de conhecimento e a criação de novos produtos e processos.

Entre os principais objetivos³⁴ das reuniões do Cebrics está a elaboração de documentos a serem entregues aos chefes de Estado com as recomendações dos setores privados de cada país, tendo a CNI o papel de ajudar na inserção dessas recomendações do Conselho junto aos países do BRICS através de um canal diplomático.

O Cebrics teve importância em auxiliar o processo de instalação dos escritórios do NBD na África do Sul e no Brasil em 2017 e 2019, respectivamente; além de auxiliar na quebra de barreiras tarifárias e outras áreas de ampliação de negócios (FIEPB, 2023). Ainda de acordo com o governo brasileiro, os investimentos de empresas do BRICS na economia brasileira cresceram em 167% no recorte 2012-2021, totalizando US\$ 34,2 bilhões, também, até o ano de 2021 pelo menos 400 empresas dessas países operavam no Brasil. (PLANALTO, 2023)

6.1.3.2 Principais Investimentos do BRICS na Indústria Brasileira

As empresas indianas voltadas a área de eletricidade tem tido papel em grande parte dos investimentos no Brasil, sendo que a partir de 2017 a Sterlit Power investiu um total de R\$ 2,7 bilhões em linhas de transmissão (CCIB, 2019), que também é papel dos investimentos na área de infraestrutura. Enquanto no setor de produção a Precision Camshafts Limited (PCL) inaugurou uma fábrica, em 2019, com investimentos na casa dos US\$ 30 milhões.

Vale citar ainda o investimento de R\$350 milhões da ACG Worldwide na fábrica de produção de cápsulas de medicamentos em Pouso Alegre (MG). (BMJ, 2018)

Os investimentos russos, ainda que mais discretos, se direcionam ao principal produto importado pelo Brasil do país, os fertilizantes, sendo que no ano de 2023 a Eurochem, produtora de fertilizantes russa anunciou a compra de quase 80% da Fertilizantes Heringer, de origem brasileira, totalizando um valor investido de R\$ 230 milhões (Moreira, 2023). Ainda sobre a área, o Brasil busca expandir sua importação, o que pode significar mais futuros investimentos para minimizar gastos de transporte.

A África do Sul também tem destaque nos investimentos, sendo que o valor entre 2021 e 2022 aumentou em mais de 300%, indo de US\$ 2,2 bilhões para US\$ 7,1 bilhões. Destaques de empresas vão para a Pepkor, varejista de roupas que adquiriu a empresa Grupo Avenida do mesmo segmento no Brasil por R\$1,1 bilhão, em 2022.

E o principal destaque dos investimentos em indústria vai para a China que ao longo do período de 2014-2022 manteve uma média anual de investimentos na casa dos US\$ 4,7

³⁴ Consulte o Anexo B para mais informações sobre as prioridades do setor privado

bilhões, sendo que o Brasil, em 2022, período de menor investimento anual da série histórica, ainda ficou com a 9º posição de investimentos chineses. Entre as áreas de maiores investimentos das empresas chinesas estão as áreas de eletricidade, tecnologia da informação, fabricação de carros e infraestrutura (essa última a ser tratada mais adiante).

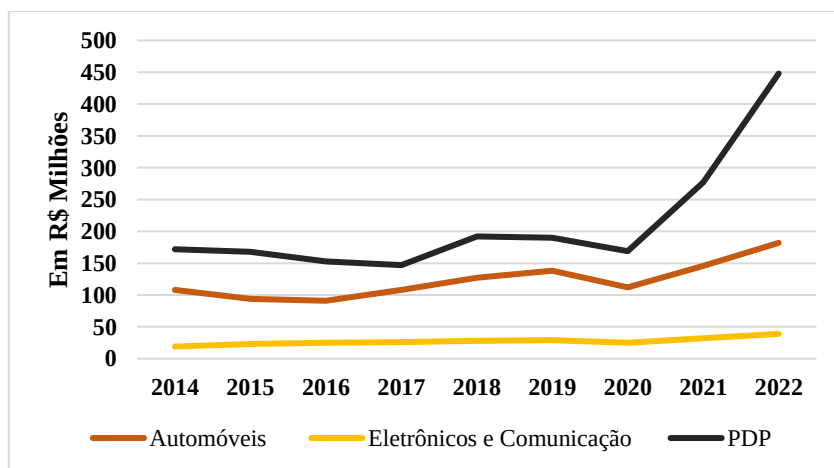
Entre as gigantes da energia destacam-se a State Grid que propõe investimentos na casa dos R\$200 milhões, desde sua primeira participação em 2020 e a China Three Gorges (CTG) que já atua na área no Brasil pelo menos desde 2014, operacionalizando ao menos 15 UHEs (Usinas Hidroelétricas) ao longo de todo o país, além de parques eólicos e fotovoltaicos. (CTGBrasil, 2023). Para a área de TI, a Huawei é a líder, sendo responsável na produção de antenas e outros equipamentos para conexão 5G e outros componentes de conexão, prometendo investir mais de R\$500 milhões nas suas fábricas/laboratórios já existentes em Manaus e Jundiaí desde 2021 e 2022 respectivamente. (RelatórioReservado, 2023)

Por fim, a área de fabricação de carros é liderada pela BYD (Build Your Dreams) e a GWM (Great Wall Motors), com investimentos em suas fábricas especificados em US\$ 620 milhões e US\$ 770 milhões cada. (APEXBRASIL, 2024)

6.1.3.3 Dados da Indústria (2014-2022)

A partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), podemos apresentar um panorama de como a indústria brasileira se apresenta na série histórica visto os impactos dos investimentos dos membros do BRICS. O Gráfico 24 apresenta um agrupado de receita líquida de algumas áreas produzidas no Brasil no período, enquanto o Gráfico 25 demonstra os custos e despesas desse aumento de produção.

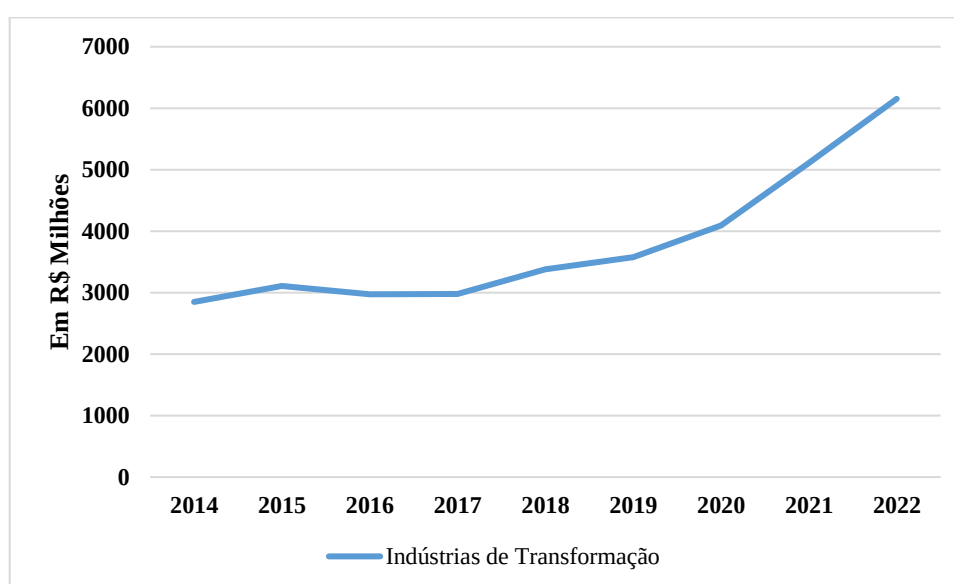
Gráfico 24 – Receita líquida de vendas das principais indústrias (2014-2022)



Fonte: Elaborado apartir de dados do IBGE

O principal destaque vai para a produção de produtos derivados de petróleo (PDP), que fazem parte da indústria de transformação, com um crescimento no triênio 2020-2022 de 265%. O setor de automóveis também cresce no ritmo em que o mercado se adapta a novos modelos e algumas empresas começam a produzir os carros em território nacional como já mencionado. Os eletrônicos também foram destaque apartir da ampliação da malha de rede móvel pelo país e a presença da conexão 5G.

Gráfico 25 – Despesas das indústrias brasileiras (2014-2022)



Fonte: Elaborado apartir de dados do IBGE

Em equivalência, porém, as despesas e custos industrias aumentaram significativamente, impactados primordialmente pelo agravamento de questões internacionais, vide conflito russo-ucraniano e a guerra comercial China-EUA que afeta a importação de componentes essenciais, assim como o aumento da taxa de juros básica que afeta toda a economia atrelada ao fator da oscilação da taxa cambial que impacta o comércio internacional do Brasil

6.1.4 Infraestrutura

Como já apresentado no Capítulo 4, o BRICS possui também sua própria forma de fomentar o investimento à infraestrutura nos países, sendo essa a principal função do Novo

Banco de Desenvolvimento (NBD), que atua primordialmente no financiamento de projetos diversos, também dando assistência na parte de consultoria e relatório desses projetos.

O NBD segue um modelo de financiamento conjunto, ou seja, ele costuma financiar uma parte dos valores dos projetos, sendo que o restante do financiamento vem da própria empresa ou autarquia que o desenvolve ou por empréstimo de terceiros (outras organizações de fomento ou instituições financeiras).

Além disso, o NBD trabalha com modelo de parcerias/garantias que envolve os governos dos países onde os projetos são financiados. Assim, os projetos são classificados como soberanos, aqueles que envolvem autarquia³⁵ e não soberanos aqueles que não envolvem autarquias, dois quais costumam ser acordados com empresas privadas de diferentes ramos³⁶.

Com participação de financiamento desde 2016 no Brasil³⁷, o NBD soma no ano de 2024 a requisição de pelo menos 31 Projetos³⁸, sendo que 22 deles são soberanos e os outros 9 não soberanos. O NBD também usa uma classificação de área de atuação para definir os projetos, sendo elas: I. Infraestrutura de Transportes; II. Energia Limpa e Eficiência Energética; III. Água e Esgoto; IV. Proteção Ambiental; V. Infraestrutura Social; VI. Infraestrutura Digital; VII. Múltiplas Áreas; e VIII. Assistência Emergencial da COVID-19.

O Gráfico 26 demonstra que no período 2016-2024, considerando os projetos que tiveram resposta do NBD, isso é desconsiderando os até então em estado de proposta na data de novembro de 2024, 23 dos 27 projetos com resultados tiveram parecer positivo, o que define uma porcentagem de mais de 85% de aprovação dos projetos em território nacional.

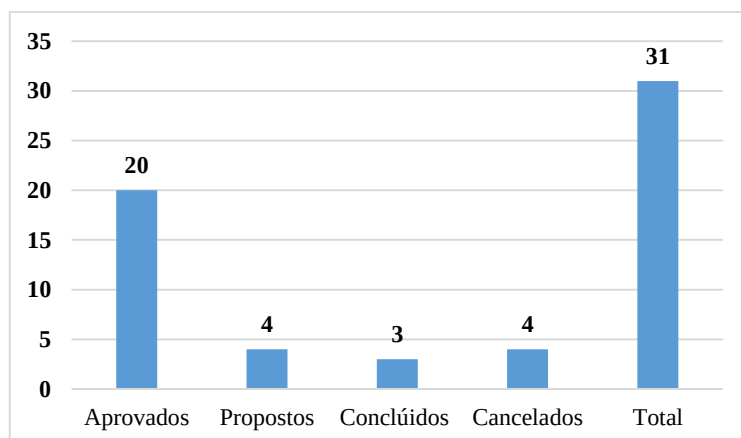
Gráfico 26 – Projetos Brasileiros no NBD (2016-2024)

³⁵ É o serviço autônomo, criado por lei, com personalidade jurídica, patrimônio e receita próprios, para executar atividades típicas da Administração Pública, que requeiram, para seu melhor funcionamento, gestão administrativa e financeira descentralizada.

³⁶ Há ainda os projetos de assistência técnica que envolvem menores investimentos e riscos e, portanto, possuem sua própria classificação.

³⁷ Outro destaque está na representatividade brasileira no NBD sendo que dos até então 3 presidentes que o banco teve na data de novembro de 2024, 2 deles eram brasileiros, dessa forma o Brasil ocupará a cadeira de presidente do Banco de maneira ininterrupta por mais de 5 anos.

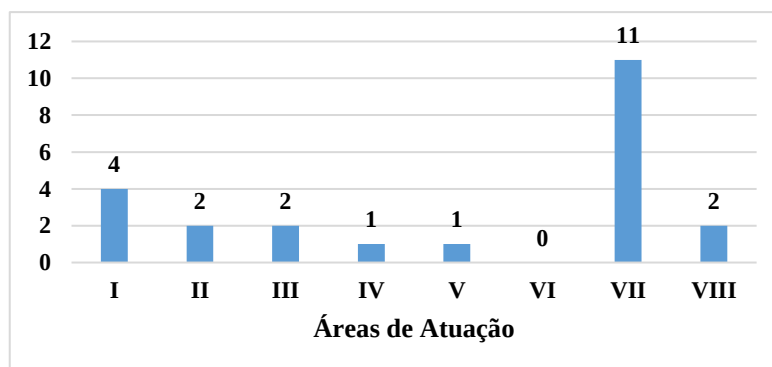
³⁸ Disponível em: <https://www.ndb.int/projects/all-projects/?country=brazil&key_area_focus&project_status&type_category&pyearval&paginated-list> Acesso em: 02 out, 2024.



Fonte: Elaborado apartir de dados do NBD

Considerando as áreas de atuação de cada projeto, os aprovados/concluídos no Brasil estão em boa diversificação, sendo a maioria classificada pelo o que o NBD considera como Múltiplas Áreas, enquanto todas as outras áreas com exceção da VI³⁹ possuem ao menos um projeto aprovado como demonstra o Gráfico 27.

Gráfico 27 – Áreas de Atuação por Projeto Brasileiro no NBD (2016-2024)



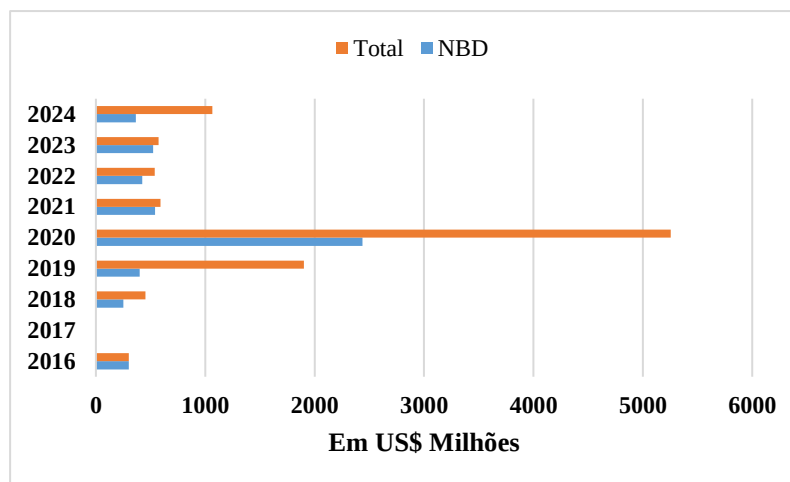
Fonte: Elaborado apartir de dados do NBD

Finalizando, o Gráfico 28 foi elaborado na intenção de comparar o valor dos investimentos/financiamentos do NBD em relação ao valor total do projeto. O gráfico considera a aprovação financeira por ano, portanto ele soma o valor total repassado por projetos de cada ano⁴⁰.

³⁹ Considerando o que foi falado na parte das Indústrias, pode se considerar que o Brasil ter perdido papel de autonomia em seus investimentos na área digital, de forma que, nos últimos anos, grande parte desses investimentos tem sido transferidos para empresas privadas internacionais, especialmente chineses e indianas.

⁴⁰ Devido a limitações do gráfico, o Projeto Emergency Program for Supporting Brazil's Response to COVID-19 com aprovação financeira em julho de 2020 pelo NBD no valor de US\$1b em relação ao total de US\$47,2b não foi incluído

Gráfico 28 – Comparativo do valor investido do NBD em projetos/ano (2016-2024)



Fonte: Elaborado apartir de dados do NBD

Como disposto, o investimento por parte do NBD em projetos brasileiros tem sido parte essencial para ampliação de projetos de infraestrutura nacionais. O que pode demonstrar uma tendência continua de forte investimento, não apenas no Brasil, mas também em outros países que decidam aderir ao banco. A flexibilidade do NBD em comparação a outros fundos de investimento internacionais também tem se mostrado uma estratégia de sucesso, sendo que atualmente o banco conta com outros países fora daqueles propriamente presentes no bloco do BRICS, e pode também servir como porta de entrada desses países ao bloco.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a exposição finalizada, verifica-se que a participação brasileira no BRICS tem causado impactos diretos no país, e embora nem todos eles possam ser representados como aspectos positivos, em um balanço geral, o Brasil tem se beneficiado de múltiplos investimentos e parcerias que foram catalisadas pelos canais de diálogo como é o caso dos BRICS. Entretanto, está também entre os principais desafios do Brasil dentro do bloco, cumprir com as agendas e os acordos no que tange não só a economia, mais também o meio ambiente e outros problemas sociais para que dessa forma seja validado a confiabilidade do Brasil como país para investimentos e parcerias.

Quase todos os índices analisados, como investimentos diretos, exportações, importações, parcerias e projetos aumentaram ao longo do período, e dessa forma consolidaram o BRICS como um bloco a ser mantido e ampliado mesmo após eventos adversos como a pandemia. E pode-se considerar que o aumento gradativo do bloco seja esse segundo “passo à frente” na estratégia de inserção internacional do Brasil.

As instituições que compõem o BRICS também tiveram papel essencial nas relações com o Brasil, sendo que o Cebrics e o NBD permitiram a entrada recorde de investimentos e pavimentam o caminho para novos investimentos. Mas essas instituições também precisam se adaptar as constantes mudanças no cenário internacional e estarem preparadas para enfrentar adversidades, além claro de uma maior integração do bloco a partir da facilitação do comércio e empréstimos, por exemplo.

O estudo demonstrou também que ainda há muitas oportunidades para o Brasil dentro do bloco, especialmente envolvendo o comércio bilateral com a Índia, do qual atualmente representa apenas uma parcela de seu potencial e também o uso de novas tecnologias e modelos de economia diversos, como a biossocioeconomia. Dessa forma, o Brasil precisa “surfar” junto ao BRICS nessas novas dinâmicas e processos de transformação de forma que seja potencializado os benefícios e que o que foi constatado até o momento seja apenas uma parcela de tudo que o Brasil conseguirá obter fazendo parte do bloco.

REFERÊNCIAS

A, S. M. Rússia: prospectando oportunidades para o agronegócio brasileiro. **Embrapa.br**, 2018. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1097223>>. Acesso em: 20 de nov. 2024

Abertura de mercados. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/negociacoes-nao-tarifarias/abertura-de-mercados>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

All Projects - New Development Bank. Disponível em: <https://www.ndb.int/projects/allprojects/?country=brazil&key_area_focus=&project_status=&type_category=&pyearval=#paginated-list>. Acesso em: 09 de nov. 2024.

ALLAN. CTG Brasil completa 10 anos - CTG Brasil. Disponível em: <<https://www.ctgbr.com.br/ctg-brasil-completa-10-anos/>>. Acesso em: 18 nov. 2024.

BMJ. Empresas indianas voltam suas atenções para o Brasil - BMJ. Disponível em: <<https://bmj.com.br/empresas-indianas-voltam-suas-atencoes-para-o-brasil/>>. Acesso em: 26 out. 2024.

Brasil apresenta aos Brics programa de conversão de pastagens degradadas. Disponível em: <<https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202407/mapa-apresenta-aos-brics-programa-de-conversao-de-pastagens-degradadas-do-brasil>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

Brasil retorna ao mapa de investimentos da Huawei - Relatório Reservado. Disponível em: <<https://relatorioreservado.com.br/noticias/brasil-retorna-ao-mapa-de-investimentos-da-huawei/>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BRICS Agriculture Research Platform. Disponível em: <<https://infobrics.org/post/25585>>. Acesso em: 3 dez. 2024.

BRICS Partnership on New Industrial Revolution-PNIR - BRICS PartNIR Innovation Center (BPI) Talent Training Platfo. Disponível em: <<https://brics-talent-development.com/en/hzjz/hbgx/>>. Acesso em: 3 dez. 2024.

Conselho Empresarial dos BRICS - Portal da Indústria. Disponível em: <<https://www.portaldaindustria.com.br/cni/canais/assuntos-internacionais/como-participar/conselho-empresarial-dos-brics/>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

CORÁ, C. Brasil e Rússia no Pós-Guerra Fria: trajetórias comparadas, relações bilaterais e parceria estratégica (1991-2011). Tese (Graduação em Relações Internacionais). **Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Curso de Relações Internacionais.** 2012. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/71679>>. Acesso em: 10 de out. 2024

Cresce produção de açúcar na Rússia | Cana Online. Disponível em: <<https://www.canaonline.com.br/conteudo/cresce-producao-de-acucar-na-russia.html>>. Acesso em: 12 de nov. 2024.

Custos da indústria sobem 10,7% em 2022, diz CNI. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/custos-da-industria-sobem-107-em-2022-diz-cni/>>. Acesso em: 30 nov. 2024.

DE, C. O Empresariado Indiano no Brasil. Disponível em: <<https://www.indiabrazilchamber.org/post/o-empresariado-indiano-no-brasil>>. Acesso em: 18 de out. de 2024

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o Fórum Empresarial do BRICS, em Joanesburgo, na África do Sul. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-durante-o-forum-empresarial-do-brics-em-joanesburgo-na-africa-do-sul>>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FAO Knowledge Repository. Disponível em: <<https://openknowledge.fao.org/items/5a3ea996-e607-428e-9d5b-99fa4ecd0461>>. Acesso em: 13 de out. 2024.

FAVERIN, V. Brasil terá adidos agrícolas em todos os países do Brics, diz Mapa. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/internacional/brasil-tera-adidos-agricolas-em-todos-os-paises-do-brics-diz-mapa/>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FIEPB - Cúpula do Brics: qual a participação da indústria? Disponível em: <<https://fiepb.com.br/noticia/cupula-do-brics-qual-a-participacao-da-industria>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

Fundo de Desenvolvimento Agrícola da ONU anuncia novo investimento de US\$ 900 milhões no Brasil. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/239899-fundo-de-desenvolvimento-agr%C3%ADcola-da-onu-anuncia-novo-investimento-de-us-900-milh%C3%B5es-no>>. Acesso em: 26 de nov. de 2024

Gigante chinesa de energia cita intenção de investir R\$ 200 bilhões no Brasil. Disponível em: <<https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202404/em-reuniao-com-alexandre-silveira-state-grid-anuncia-intencao-de-investir-mais-r-200-bilhoes-no-brasil>>. Acesso em: 28 nov. 2024.

GUIMARÃES, G. Indiana PCL terá fábrica no Brasil – AutoIndústria. Disponível em: <<https://www.autoindustria.com.br/2018/02/26/indiana-pcl-tera-fabrica-no-brasil/>>. Acesso em: 26 out. 2024.

HATJE, L. V. A.; PERIN, B. V. Relações Brasil-Rússia: Aproximação, Parceria e Arrefecimento. **Fronteira: Revista De iniciação científica Em Relações Internacionais**, 20(40), 167-183. PUC Minas. 10 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/25615>>. Acesso em: 13 de out. 2024

IMPULSO DAS EXPORTAÇÕES #4. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://click.apexbrasil.com.br/Comunicacao/inteligencia/ed.04_outubro_impulso_10-10.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2024.

Indústria e Construção | IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/industria.html>>. Acesso em: 10 de nov. de 2024

JOSÉ PEDRO FERNANDES. **Elementos de Economia Política Internacional**. [s.l.] Leya, 2013.

Mapa Indicadores Agricultura. Disponível em: <<https://mapa-indicadores.agricultura.gov.br/publico/extensions/Agrostat/Agrostat.html>>.

MERCADOS DE DESTINO, P. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/arquivos-das-publicacoes/2008-ilovepdf-compressed-ilovepdf-compressed-1.pdf>>. Acesso em: 15 de nov. de 2024

MOREIRA, F. **Fertilizantes Heringer (FHER3): Eurochem passa a deter 79,98% da companhia após leilão de ações.** Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/mercados/fertilizantes-heringer-pher3-eurochem-passa-a-deter-7998-da-companhia-apos-leilao-de-acoes/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

OLIVEIRA, N. **As grandes interpretações da Política Externa Brasileira**. Disponível em: <<https://diariodasnacoes.wordpress.com/2020/07/27/as-grandes-interpretacoes-da-politica-externa-brasileira/>>. Acesso em: 16 de out. de 2024

PENNA FILHO, P. **África do Sul e Brasil: diplomacia e comércio (1918-2000)**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 44, n. 1, p. 69–93, jun. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/p5xGcpJxGBHFczTy8FmNwqL/>>. Acesso em: 04 de out. 2024

PEREIRA, A. D. **Vista do As Relações entre África do Sul e Brasil: do Impacto da Globalização à Constituição do IBAS**. Disponível em: <<https://sumario-periodicos.espm.br/xxi/article/view/7/7>>. Acesso em: 10 de out. 2024.

Perfil de Comércio e Investimentos África do Sul: mais de 500 oportunidades. Disponível em: <<https://apexbrasil.com.br/br/pt/conteudo/noticias/Perfil-de-Comercio-e-Investimentos-Africa-do-Sul-mais-de-500-oportunidades.html>>. Acesso em: 02 de nov. 2024.

PIRES, M. C. Notas Sobre A Parceria Estratégica Brasil - China. In: **China en América Latina y el Caribe: Escenarios estratégicos subregionales**. BANCO DE DESARROLLO DE AMÉRICA LATINA. p. 249-274. jun de 2015. Disponível em: <<https://www.dusselpeters.com/319.pdf>>. Acesso em: 30 set. de 2024

Política Comercial: saiba o que é e como funciona. Disponível em: <<https://maisretorno.com/portal/termos/p/politica-comercial>>. Acesso: 30 de set. 2024

RAEL, R. C.; LOURENÇÃO, H. J. ASSIMETRIA DE PODER NO BRICS E SUAS POSIÇÕES REFORMISTAS E PRÓ-STATUS QUO SOBRE INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 38, n. 83, p. 109–125, 28 dez. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.47240/revistadaesg.v38i83.1145>>. Acesso em: 15 de out. de 2024

RAMINELLI, V. O FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL E O NOVO BANCO DE DESENVOLVIMENTO DOS BRICS: UMA ANÁLISE INSTITUCIONAL DE CARÁTER PÓS-COLONIAL. Tese — **Universidade Presbiteriana Mackenzie**: [s.n.]. 71 p. 2019. Disponível em: <<https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/79a0fcd1-e6c9-4299-8758-0d79d96aa3f4/content>>. Acesso em: 11 de out. 2024

RAMOS, L. C. S. et al. Adensamento institucional e outreach: um breve balanço do BRICS. **Carta Internacional**, v. 13, n. 3. p. 5-26. Belo Horizonte. 30 dez. 2018. Disponível em: <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/727/393>>. Acesso em: 11 de out. 2024

República da Índia. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/republica-da-india>>. Acesso em: 21 de out. de 2024

República Popular da China. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/republica-popular-da-china>>. Acesso em: 14 de out. de 2024

RIBEIRO, J.; MARINGONI, G. O banco e o arranjo de reserva dos BRICS em perspectiva. **Brazilian Journal of International Relations**, v. 8, n. 2, p. 406–426, 9 set. 2019. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/8738/5873>>. Acesso em: 10 de out. de 2024

RIBEIRO, K. M. **A evolução das relações comerciais Brasil – Índia pós 1990 : histórico e perspectivas**. Ufrgs.br, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/116344>>. Acesso em: 20 de out. de 2024

RODRIGUEZ, M. E. et al. A Contribuição do Novo Banco de Desenvolvimento no Processo de Transição Energética dos Países Brics (2016-2023). **RIO DE JANEIRO PUC - BRICS POLICY CENTER**. BPC POLICY BRIEF V. 14 N. 3. p. 31. Rio de Janeiro. jan 2024. Disponível em: <https://bricspolicycenter.org/wp-content/uploads/2024/03/PUCRIO_BMDS-compactado.pdf>. Acesso em: 12 de out. de 2024

SÁ, R. M. R. de. O Novo Banco de Desenvolvimento e o Conselho Empresarial do BRICS: convergências e interseções. Tese (Mestrado em Relações Internacionais). **Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. p. 153. 29 de abr. de 2022. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/59526/59526.PDF>>. Acesso em: 11 de out. de 2024

SGP. Disponível em: <<https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>>.

Speech by Federal Chancellor Dr Angela Merkel on 16 February 2019 at the 55th Munich Security Conference. Disponível em: <<https://www.bundesregierung.de/breg-en/service/archive/speech-by-federal-chancellor-dr-angela-merkel-on-16-february-2019-at-the-55th-munich-security-conference-1582318>>. Acesso em: 03 de dez. 2024

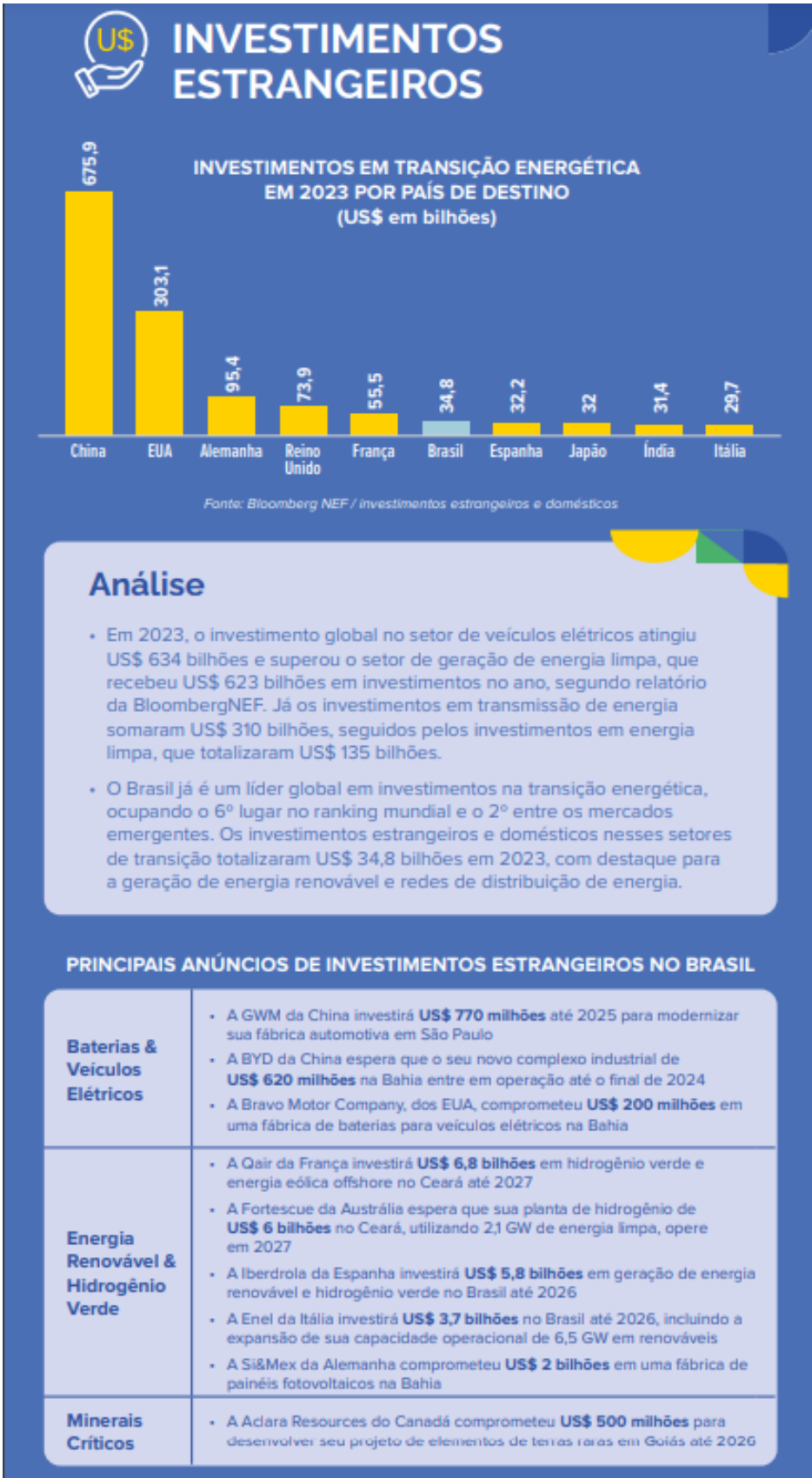
UNWTO. **Global and regional tourism performance | Tourism Dashboard**. Disponível em: <<https://www.unwto.org/tourism-data/global-and-regional-tourism-performance>>. Acesso em: 20 de out. 2024.

VIEIRA, M. B. B. **Relações Brasil-Índia (1991-2006)**. Ufrgs.br, 2007. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/12058>>. Acesso em: 20 de out. de 2024

YAZBEK, P. **Qual é o tamanho do novo Brics? Veja em números a dimensão do grupo de 11 países**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/qual-e-o-tamanho-do-novo-brics-veja-em-numeros-a-dimensao-do-grupo-de-11-paises/>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

ZANGHI, Claudio. “Organizações internacionais”. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). **Dicionário de política**. Trad. Carmen C. Varrialle et al. Brasília: UnB, 1992, v. 2, pp. 855-864.

ANEXO A – Energética por País em 2023



ANEXO B – 10 Prioridades da Indústria no Cebrics

Dez prioridades em discussão pelo setor privado:

1. Estabelecimento de acordo multilateral de serviços aéreos, considerando que os acordos bilaterais que já existem são restritivos para o transporte aéreo;
2. Colaboração para o desenvolvimento de fertilizantes inteligentes, biofertilizantes e fertilizantes minerais, e de padrões para certificação de fertilizantes ecoeficientes;
3. Desenvolvimento de padrões para 50 qualificações futuras, permitindo unificar critérios para competições internacionais e programas de treinamento entre os países;
4. Criação de um fundo para financiar projetos de energia limpa no Novo Banco de Desenvolvimento (NDB);
5. Cooperação para o desenvolvimento de infraestrutura digital que aumente a conectividade, inclusive em áreas remotas dos países do Brics;
6. Desenvolvimento de programas de competências digitais para meninas e mulheres;
7. Elaboração de carteira de projetos prioritários de infraestrutura nos países do Brics para aumentar a visibilidade de financiamento;
8. Desenvolvimento de rotas comerciais com investimentos em portos de pequeno porte, ferrovias e transporte marítimo de curta distância, para diminuir a pegada de carbono;
9. Criação de plataforma de colaboração entre governo, setor privado e academia para buscar soluções para novos problemas de infraestrutura;
10. Harmonização de padrões de regulação para produtos manufaturados, para facilitar a incorporação nas cadeias de valor.

Fonte: Agência de Notícias da Indústria, 2023